

Catálogo | Siarteria e VI Mostra Vestígios

Siarteria - Galeria Virtual do 2º SIAUS | 2021

VI Mostra Vestígios | 2021

Organização: Flávio Luiz Schiavoni e Isadora Franco Oliveira

ISBN 978-65-88228-17-3

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UFSJ

Simpósio Internacional de Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (2. : 2021 : São João del-Rei, MG)
Catálogo I Siarteria e VI Mostra Vestígios [recurso eletrônico] do 2º Simpósio Internacional de Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (SIAUS): O design do futuro hoje, 22 a 25 de novembro de 2021, São João del-Rei, MG / organizado por Flávio Luiz Schiavoni e Isadora Franco Oliveira. – São João del-Rei: UFSJ, 2021.

Disponível em: <https://alice.dcomp.ufsj.edu.br/~fls/Catalogo%20Siarteria%202021/main.pdf>
ISBN: 978-65-88228-17-3

1. Arte. 2. Urbanidade. 3. Sustentabilidade. I. Schiavoni, Flávio Luiz (Org.). II. Oliveira, Isadora Franco (Org.). III. Siarteria (1. : 2021 : São João de-Rei, MG). IV. Mostra Vestígios (6. : 2021 : São João del-Rei, MG). V. Título.

CDU: 71:504.03

Catálogo I Sierterria e VI Mostra Vestígios

22, 23, 24 e 25 de novembro de 2021

Online

ISBN 978-65-88228-17-3

Curadoria da Sierterria: Deborah Walter, Luciana Beatriz Chagas, Flávio Silvério e Wanessa Fagundes

Curadoria e Organização da VI Mostra Vestígios: Luciana Beatriz Chagas

Montagem da VI Mostra Vestígio (virtual): Mark Tom Sawyer

Capa: Isadora Franco Oliveira

Diagramação: Flávio Luiz Schiavoni e Isadora Franco Oliveira

Revisão: Luciana Beatriz Chagas, Zandra Coelho e Marcela Alves de Almeida

Os trabalhos publicados neste Catálogo foram editorados a partir dos originais finais entregues pelos autores, sem edições ou correções feitas pelo comitê técnico.

Copyright © 2021 SIAUS - Mostra Vestígios

PUBLICADO PELA EDITORA DA UFSJ

Licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 3.0 Unported License (the “License”). You may not use this file except in compliance with the License. You may obtain a copy of the License at <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0>. Unless required by applicable law or agreed to in writing, software distributed under the License is distributed on an “AS IS” BASIS, WITHOUT WARRANTIES OR CONDITIONS OF ANY KIND, either express or implied. See the License for the specific language governing permissions and limitations under the License.

Licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 3.0 Unported (a “Licença”). Você não pode usar este arquivo exceto em conformidade com a Licença. Você pode obter uma cópia da Licença em https://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/deed.pt_BR. A menos que exigido pela lei aplicável ou acordado por escrito, o trabalho distribuído sob a Licença é distribuído “COMO ESTÁ”, SEM GARANTIAS OU CONDIÇÕES DE QUALQUER TIPO, expressas ou implícitas. Consulte a Licença para as permissões e limitações que regem o idioma específico sob a Licença.

Realização



Universidade Federal
de São João del-Rei



Apoio



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO



Primeira impressão, Agosto 2022

Sobre o SIAUS

Entre os dias 22 e 25 de novembro de 2021, aconteceu o 2º Simpósio Internacional em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, com o tema “O design do futuro hoje”.

Desde a primeira edição do SIAUS, em 2017, transformações que eram inconcebíveis naquele momento ocorreram, mudando de forma contundente a vida e as relações humanas e impactando profundamente as sociedades ao redor do planeta.

Nem as mais distantes e pessimistas projeções feitas no primeiro encontro poderiam dimensionar o que estava por vir, concretizado pela pandemia e seus devastadores efeitos, fenômeno que tem demonstrado a fragilidade das nossas maneiras de ser e estar no mundo e provocado mudanças radicais no pensamento e nas ações.

Nesse contexto ainda em curso, pensar o futuro hoje implica pensar criticamente o que está colocado como realidade e desafiar seus limites, e o design do futuro torna-se uma responsabilidade agora, cabendo a quem puder, contribuir na construção das pontes entre os sonhos, a esperança e a felicidade.

Seja ele um plano, um artifício, uma intenção, um projeto, um potencial, um desejo ou uma dissimulação, o design deve ser tensionado e colocado em crise, pois permeia todos os campos da vida e determina, em todas as escalas possíveis, os próximos passos da jornada humana e sua relação com a Terra.

Assim sendo, convidamos todas as pessoas que queiram pensar juntas sobre o “Design do futuro hoje”, seja com reflexões orais, escritas ou manifestações culturais e artísticas, a partir de diferentes eixos temáticos e perspectivas. Não há tempo para adiar o futuro, e este é um chamado para um processo de construção de outras narrativas, que possam inspirar comunidades e as próximas gerações. Pensar hoje no design do porvir é uma forma de resistir e de reconhecer que é possível construir uma história deste tempo que pode ser deixada, não mais como um fardo, mas como um legado.

Comissão Organizadora:

- Profa. Dra. Deborah Walter de Moura Castro | UNIFAL
- Profa. Dra. Fernanda Nascimento Corghi | UFSJ
- Prof. Ms. Flávio Silvério da Silva | UNICSUM
- Gabriela Moreira Lima | graduanda em Comunicação Social | UFSJ
- Profa. Dra. Luciana Beatriz Chagas | UFSJ
- Profa. Dra. Marcela Alves de Almeida | UFES
- Mark Tom Sawyer Ferreira Feliciano | mestrando PIPAUS | UFSJ
- Prof. Dr. Paulo Henrique Caetano | UFSJ
- Talita da Silva Nifa | graduanda em Comunicação Social | UFSJ
- Wanessa de Almeida Fagundes | mestranda PIPAUS | UFSJ
- Wellington de Oliveira Pereira | graduando em Comunicação Social | UFSJ
- Dr. Frederico Oliveira Alfaix Assis | UFMG
- Profa. Dra. Andréa Senra Coutinho | UFJF

Paulo Henrique Caetano

Sobre a Siarteria

A relevância da mostra artística do Siaus se dá justamente pelo caráter aplicado do Pipaus. Para nós, a arte é concebida não apenas como um ato formal, mas como uma intervenção na sociedade.

Assim, a arte não aparece como um complemento ou uma ilustração da informação teórica, conceitual e semântica, e sim como um campo interdisciplinar de produção de conhecimento, que expressa e comunica de forma direta e sensível.

E é nesse contexto que o Siaus apresenta sua galeria de arte, que nesta edição foi elaborada e apresentada no modo virtual, e ficará online de forma definitiva.

Nela, estão expostos 62 trabalhos concebidos e registrados em diferentes suportes audiovisuais, todos eles elaborados a partir do tema principal “Design do Futuro Hoje”.

A galeria virtual foi nomeada “Siarteria”, uma fusão de Siaus com Galeria, com intenção de propagar da logomarca do SIAUS. E um trocadilho à la Duchamp entre arte e possibilidade (se ar teria).

No contexto do Siaus, os trabalhos artísticos publicados na Siarteria possuem o mesmo grau de relevância científica e acadêmica que os artigos escritos, tornando-a uma extensão do conteúdo teórico, e não apenas uma manifestação cultural complementar.

Nessa perspectiva, a comissão artística teve como principais critérios de seleção, a adequação à proposta temática geral do evento (O design do Futuro Hoje) e a elaboração estética daí decorrente.

De modo a enfatizar nossa visão da arte como um campo interdisciplinar do conhecimento, propusemos às artistas e aos artistas que indicassem um GT dentro do Simpósio, assim como às coordenadoras e coordenadores dos GTs que analisassem as obras artísticas, de modo a incorporá-las, e a suas autoras e autores, dentro dos debates dos grupos, motivando trocas e novas possibilidades dialógicas.

A comissão artística foi coordenada pelas professoras Deborah Walter, do Departamento de Letras da UNIFAL e Luciana Beatriz Chagas do curso de Artes Aplicadas da UFSJ com a participação do Flávio Silvério (mestre pelo Pipaus, Professor universitário, arquiteto e designer), que concebeu a logomarca da galeria e do Siaus, do Mark Tom Sawyer (mestrando pelo Pipaus, Quadrinista, técnico em informática e webdesigner), que elaborou o site das galerias Siarteria e VI Mostra Vestígios, da Wanessa Fagundes (mestranda do Pipaus), com apoio de Andrea Coutinho, professora da UFJF.

Acesse: <https://pipaus.ufsj.edu.br/galeria-siaus-2021/>

Luciana Beatriz Chagas, novembro de 2021.

Sobre a VI mostra vestígios

A VI mostra vestígios foi organizada pela turma de 2021 da disciplina **Teoria e Crítica da Ação Disciplinar (TCAD)**, sob orientação da Profa. Luciana Beatriz Chagas, no segundo semestre de 2021.

Nesta edição da Mostra, temos 6 trabalhos coletivos de criação artística interdisciplinar, que foram elaborados a partir da reflexão sobre o texto introdutório do livro “Capitalismo e Colapso Ambiental” (2016), de Luiz Marques, além dos documentários ‘A Corporação’ (2003) e ‘A Tragédia Eletrônica’ (2014).

Atualmente, a poluição e a contaminação de águas, solos e ar representam uma ameaça imediata à vida humana e à biodiversidade no planeta. O modelo de expansão, que caracteriza o capitalismo, se baseia na constante necessidade de produção industrial de bens de consumo. As externalidades desse modelo, como o descarte de lixo e a catástrofe que os resíduos sólidos e efluentes tóxicos provocam são apenas o elo final dessa cadeia insustentável que é a produção industrial de bens materiais.

Com uma visão crítica sobre essa e outras questões criadas pelo capitalismo, os participantes da Mostra trabalharam criativamente e de forma colaborativa temas como o consumo, o descarte, as memórias, a relação com a terra, as sonoridades e os afetos.

São seis obras audiovisuais que se entrecruzam em relação dialógica, e que esperamos que contribuam para o fomento de uma cultura da sustentabilidade.

Acesse: <https://mostravestigios.ufsj.edu.br/2021/>.

Luciana Beatriz Chagas, novembro de 2021.

Sumário

I	Galeria Um	
1	I - Fragmento	4
2	O Trem e o Moribundo	5
3	Memórias Inventadas De Um Jardim	6
4	Carnaval De Vírus	7
5	Formatos Urbanos	8
6	Entre Espacos- Vivos	9
7	Por Nossas Vastas Solidões	10
8	Arte Digital Como Expressão Artística	11
9	Pela Greta	12
10	Os segredos de Rosário	13
11	“Noivinhas” em fuga: fotografia íntima para uma direção antifeminicida ...	14
12	Eu sei que vocês têm dançado	15
13	Silêncio e SonS: RostoS e Quarentenados	16
14	Banda Mangaia	17
15	Um minuto antes do silêncio	18



II**Galeria Dois**

16	Arte na serra - para não queimar o futuro	21
17	O Jardim Depois Do Fim	22
18	Caminho De Vagalume	23
19	Poros	24
20	Urbanidades Sanjoanenses	25
21	Legado: O Design Do Futuro	26
22	Corpo e Mudanças Climáticas - a casa caindo	27
23	Pari Passu	28
24	O Marasmo dos Pastos	29
25	CROSSFUT: o futebol reinventado em Minas Gerais	30
26	Estudos - Cores de Buda e Oxum para Iemanjá	31
27	Enquanto se cata o feijão	32
28	Futuro (?) O Saber da Humanidade	33
29	Sinógeno	34
30	Performance Art - 'Cadê As Árvores Que Estavam Aqui?'	35
31	Paisagens Urbanas Distópicas	36

III**Galeria Três**

32	Que fizemos nós?	39
33	Ela, Mãe Terra	40
34	Araucárias nos Caminhos	41
35	O Mar e a Urbanidade	42
36	Visadas & Vazios	43
37	A Poluição Da Alma Selvagem	44

38	Dois minutos para a Meia-noite	45
39	Efêmera - O Retrato De Genius Loci	46
40	Brasil, Mostra Tua Cara!	47
41	RES PIRO	48
42	Intervenção artística e urbana Renda-se	49
43	Revirando Espelhos	50
44	Corpo-território Pandêmico	51
45	Vale Nada	52
46	Cartografia Imaginária Da Cidade-Saudade	53

IV

Galeria Quatro

47	TREM DE FERRO	56
48	Confidências Da Paisagem - Narrativas Em Terra E Ouro	57
49	Áreas Úmidas	58
50	Percepções & Memória	59
51	Somos Natureza	60
52	Vestígios De Uma Poética Em Ruínas	61
53	Remédios Distópicos	62
54	Sopro	63
55	Bem me quer, bem me quer	64
56	Sopro	65
57	Cadeira para quem?	66
58	Telefone sem fio	67
59	Olhar do Futuro	68
60	#pedalanaavenida: fragmentos de uma narrativa	69
61	Costura De Temporalidades: De Marias Felipas À Marielles Francos	70

62	A construção dos espaços pós pandemia	71
----	---	----

V

Galeria Cinco

63	Corpos Descartáveis	74
64	É pra guardar ou pra jogar fora?: lixo, memória e trajeto	75
65	PARANGOLIXO	76
66	Capitalixo: O lixo e suas texturas e narrativas	77
67	Eterno Desastre - Etérea Desarte	78
68	SONORIDADES	79

VI

Autores



Galeria Um

1	I - Fragmento	4
2	O Trem e o Moribundo	5
3	Memórias Inventadas De Um Jardim	6
4	Carnaval De Vírus	7
5	Formatos Urbanos	8
6	Entre Espacos- Vivos	9
7	Por Nossas Vastas Solidões	10
8	Arte Digital Como Expressão Artística	11
9	Pela Greta	12
10	Os segredos de Rosário	13
11	“Noivinhas” em fuga: fotografia íntima para uma direção antifeminicida	14
12	Eu sei que vocês têm dançado	15
13	Silêncio e SonS: RostoS e Quarentenados	16
14	Banda Mangaia	17
15	Um minuto antes do silêncio	18



1. I - Fragmento

O respectivo trabalho é resultado de uma primeira investigação e experimentação imagética singular a partir de uma perspectiva norteadora sobre a 'transfiguração' da paisagem natural (o que ainda resta) pela ação humana para fins vinculados à produção e circulação de capital no século XXI.

Sendo o mesmo constituído por três fotografias digitais que retratam, a partir de três pontos de vista diferentes, a condição de um determinado 'fragmento telúrico' resultante de um conjunto de ações de manipulação, movimentação e ordenação do solo para a determinação de uma nova grande configuração artificial (um grande platô de escala monumental).

Novas proposições espaciais que colocam em questão a sustentabilidade destas respectivas ações humanas no território em uma era caracterizada cada vez mais por grandes desastres e catástrofes ambientais. ■

Amon Lasmar. Professor universitário, Arquiteto e Urbanista com especializações em projeto e em docência. Cursando mestrado em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade e responsável pelo Ateliê Abstrato.



2. O Trem e o Moribundo

Em “O trem e o moribundo”, realizado por Cleisson José e Virginia Rodrigues, discute-se sobre a objetificação do corpo na modernidade, o genocídio de povos na história brasileira, a estabilidade financeira, a alienação: o jogo da sociedade do capital.

Trata-se de uma sessão de fotos e vídeos como parte de experimentações corpo-expressivas realizadas em 2021, na cidade de Barão de Cocais.

Buscamos externalizar a complexidade da população cocaiense e região diante a formas disseminadas de trabalho, voltadas à relação senhor e escravo e à produção industrial mineradora.

Criticamos a dificuldade da política e das empresas locais em oferecer e apoiar maneiras de vida menos focadas no lucro e na exploração de pessoas.

Nesta história, o moribundo pede tempo!

Ele sabe que sozinho não consegue livrar-se deste tudo que carrega desde tempos coloniais antigos. Precisa de algo que o ajude a tornar-se um vivo, nem que seja por um breve instante.

<https://cleissonj4.wixsite.com/otremeomoribundo>

Cleisson José e Virgínia Rodrigues. Cleisson José é performer, professor de música, flautista, pesquisador... Natural da cidade de Barão de Cocais (MG), possui graduação em Música pela Universidade Federal de São João del rei (UFSJ). Busca pesquisar possibilidades da performance musical através do contato com outras manifestações artísticas. Além disso, observar a corporeidade, a sensibilidade e a criação na prática musical como um elemento base e transformador do aprendizado e da performance. Atualmente integra o Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) da UFSJ.

Virgínia Rodrigues é designer, professora de desenho e pesquisadora da cultura regional. Bacharel em Design pela Universidade Fumec, 2019, onde foram iniciadas as pesquisas sobre cultura regional, como o projeto 'Região Entre Serras no Circuito do Ouro: a valorização da cultura regional por meio do design de jóias' e o projeto de extensão 'Design e artesanato: uma estratégia social, sustentável e contemporânea'. Atualmente cursa Licenciatura em Artes pela Faveni e Especialização em Design de Móveis pela UEMG, também dedicando-se à empresa própria Vip Design e em projetos envolvendo fotografia, cenografia e design.



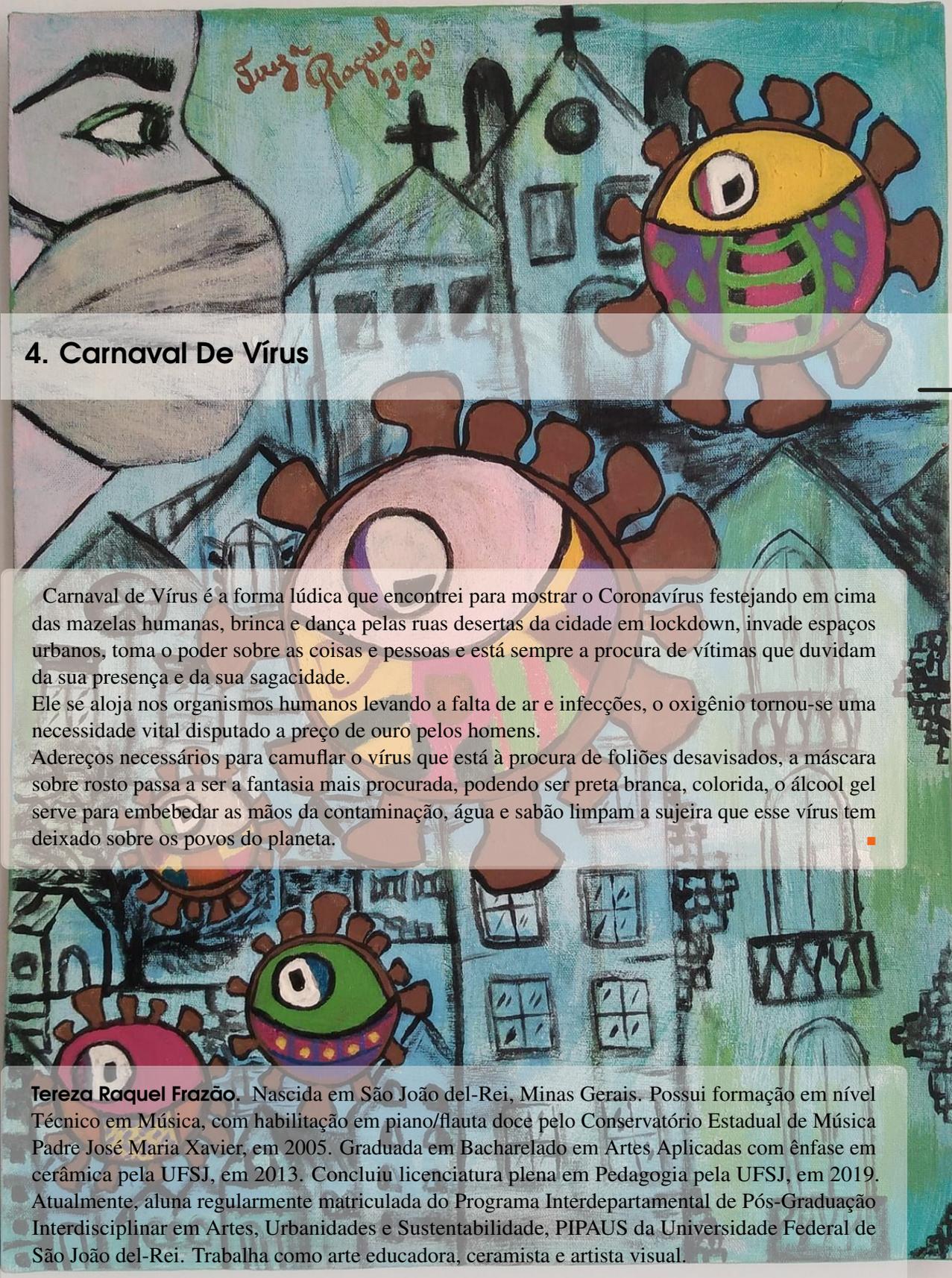
3. Memórias Inventadas De Um Jardim

Nesta proposta selecionei alguns trabalhos da exposição 'Memórias inventadas de um jardim' apresentados de 22 de março a 18 de abril de 2021, no ambiente GAIA Virtual, da Galeria do Instituto de Artes (GAIA) da Unicamp, resultante da pesquisa de doutorado em Poéticas Visuais, desenvolvida junto ao Instituto de Artes da Unicamp.

Tendo a paisagem cotidiana e o jardim da casa como local de imersão, as espécies vegetais ali presentes assumiram um protagonismo, deixando de ser modelos para observação, sendo elas próprias como matrizes para diversas técnicas reprodutivas como cologravura, monotipia, frottage e cerâmica, atuando como coautoras no processo de criação.

<https://www.iar.unicamp.br/gaia/a-galeria/exposicoes-anteriores/memorias-inventadas-de-um-jardim/>

Flávia Fábio. Flávia Fábio é artista visual, doutoranda em Poéticas Visuais na Unicamp. Em sua pesquisa, explora a paisagem cotidiana, tendo o seu jardim como ponto central, utilizando as plantas como matrizes, registrando seus desenhos, texturas e volumes em suportes variados, por meio das técnicas da monotipia, da frottage, da cologravura e da cerâmica. Tanto os processos quanto os resultados de alguns trabalhos remetem a um levantamento arqueológico do jardim, que busca preservar a memória deste lugar e, de alguma forma, estender a vida de suas plantas. Atua, também, como docente em cursos de artes e design e desenvolve projetos na área de design gráfico. Dentre as exposições que participou destacam-se: *Habitar o Ar* – coletiva (Casa de Eva – Campinas/SP, 2021); *Memórias inventadas de um jardim* - individual (GAIA - Galeria do Instituto de Artes/Unicamp - Campinas/SP, 2021); *Memória, lugar y paisaje: una lectura gráfica* - coletiva (Universidad de Antioquia - UdeA, Medellín/Colômbia, 2019); *Jardim* – coletiva (ATIAL + 609, Campinas-SP, 2017 e CCUFSJ – São João del-Rei/MG, 2018); *Conjunções: artista/professor* – coletiva (Galeria Faal - Limeira, SP, 2018); *Artista | Professor | Propositor* – coletiva (Museu Major José Levy – Limeira/SP, 2015; MAC – Americana/SP, 2015; CCUFSJ - São João del-Rei/MG, 2017).



4. Carnaval De Vírus

Carnaval de Vírus é a forma lúdica que encontrei para mostrar o Coronavírus festejando em cima das mazelas humanas, brinca e dança pelas ruas desertas da cidade em lockdown, invade espaços urbanos, toma o poder sobre as coisas e pessoas e está sempre a procura de vítimas que duvidam da sua presença e da sua sagacidade.

Ele se aloja nos organismos humanos levando a falta de ar e infecções, o oxigênio tornou-se uma necessidade vital disputado a preço de ouro pelos homens.

Adereços necessários para camuflar o vírus que está à procura de foliões desavisados, a máscara sobre rosto passa a ser a fantasia mais procurada, podendo ser preta branca, colorida, o álcool gel serve para embebedar as mãos da contaminação, água e sabão limpam a sujeira que esse vírus tem deixado sobre os povos do planeta.

Tereza Raquel Frazão. Nascida em São João del-Rei, Minas Gerais. Possui formação em nível Técnico em Música, com habilitação em piano/flauta doce pelo Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, em 2005. Graduada em Bacharelado em Artes Aplicadas com ênfase em cerâmica pela UFSJ, em 2013. Concluiu licenciatura plena em Pedagogia pela UFSJ, em 2019. Atualmente, aluna regularmente matriculada do Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, PIPAUS da Universidade Federal de São João del-Rei. Trabalha como arte educadora, ceramista e artista visual.

5. Formatos Urbanos

Nos centros urbanos a massificação da circulação das pessoas pode esconder as formas das cidades: elas se tornam uma massa única movida pelo objetivo de ser um produto de consumo. Nessa intervenção propus a observação dos fluxos urbanos e do espaço urbano.

Em uma deriva inspirada pela Internacional Situacionista identifiquei cenários que poderiam ser estilizados por desenhos que fogem do padrão do mimetismo e assim ressaltar as formas do espaço. Para a composição utilizei apenas linhas que ao encostar no papel não poderiam ter alguma pausa senão no fim do desenho.

As produções foram feitas nos arredores do centro de Uberlândia - Minas Gerais. A escolha dos lugares se deu por 2 princípios básicos: lugares onde as formas se confundem com a sua utilidade (consumo; passagem) e pela presença de um poste para que o desenho pudesse ser colado como um lambe lambe na altura da vista média da população. ■

Gustavo Oliveira dos Santos. Gustavo Oliveira é atuante no campo artístico desde 2016, é graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia e atualmente assina como gutasvo. Explora contemporaneamente a identidade como autorreflexão, o fetiche do consumo nos centros urbanos, o ser e sociedade e debate a percepção da morte na cultura ocidental, apresentando reinterpretações e provocações, sempre fomentando a discussão. Com 24 anos, o artista se encontra entre a fronteira do objeto no campo ampliado, pintura e desenho. Características marcantes de suas obras incluem materiais não tradicionais como terra, sangue, objetos e ossos, paleta reduzida e a interação com o espectador pelo toque. Atualmente assessora os artistas Ibã Huni Kuin (Isaías Sales) e Kássia Rare Karaja Hunikuin (Kássia Borges) e compõe a equipe de comunicação do Museu do Índio de Uberlândia – MG.

6. Entre Espacos- Vivos



Entre Espaços Vivos é uma poesia imagética em forma de vídeo onde utilizo imagens de alguns trabalhos artísticos desenvolvidos por mim, fotografias e outras imagens coletadas na internet promovendo a conexão com o pensamento desenvolvido em meu projeto de pesquisa. A poesia imagética contribuiu para a construção do pensamento teórico conectando formas, imagens e pensamentos de diversas áreas criando uma linha de raciocínio a ser desenvolvida sobre os espaços urbanos e a presença e ausência da natureza nos mesmos.

Poesia imagética

Vídeo: 4'17"

Execução vídeo: Luciana Monte-Mór

Apoio Montagem: Bruno Amarante



Luciana Monte-Mór. Luciana Campos de Pinho Monte-Mór, graduada em Arquitetura e Urbanismo na PUC / MG e graduada em Artes Visuais com habilitação em cerâmica e pintura na Escola Guignard UEMG. Participou de diversas exposições em Belo Horizonte e uma no Centro Cultural da UFSJ. Desenvolveu diversos projetos expográficos em parceria com produtoras culturais de BH. Foi contratada como professora substituta no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSJ entre 2012 à 2014. Trabalha como arquiteta e ceramista, entre outros projetos artísticos.

7. Por Nossas Vastas Solidões



O projeto Por nossas Vastas Solidões, lança um olhar crítico através da fotografia sobre detalhes poéticos/estéticos do cotidiano urbano. Interrogar a identidade do mundo sensível, através do olhar poético da fotografia, a solidão das imagens urbanas, dos detalhes de concreto, ferro e poesia. Este trabalho é um projeto permanente de reflexão através da imagem, de construção estética do olhar e de resgate de espaços anônimos.

<https://www.flickr.com/photos/193549539@N06/>

<https://www.instagram.com/fabiovalerio.prot/>



Fábio da Costa Valério. <https://www.instagram.com/fabiovalerio.prot/>

8. Arte Digital Como Expressão Artística



A arte digital está presente em várias áreas do nosso cotidiano e, com o avanço da tecnologia, muitas vezes não é possível diferenciar a estética de uma arte tradicional para uma digital.

Possuo prática com tinta acrílica, mas minha principal produção é feita no computador. Há muitos benefícios em fazer pinturas em um meio digital, principalmente devido à facilidade de manipulação da imagem.

No meu trabalho, busco unir as duas áreas, utilizando os dois métodos e aproximando o processo do digital ao tradicional.

Nas imagens que aqui apresento, utilizei os programas Photoshop e Clip Studio Paint, com pincéis texturizados que se assemelham ao aspecto de um pincel físico, além de utilizar poucas camadas para aproximar esse processo de como seria se eu utilizasse uma tela ou papel, em que não há separação de camadas.

Minhas temáticas são, principalmente, relacionadas à representação feminina e ambientes de ficção e fantasia.

<https://www.instagram.com/helenamongim>

<https://www.artstation.com/helenamongim>

Helena Mongim. Sou Helena Mongim, moro em Vitória/ES. Em 2017, entrei no curso de Arquitetura e Urbanismo na UFES e comecei a me envolver mais com a pintura e ilustração. Nessa época, fiz um curso de Ilustração na Arcane Academia de Artes e participei do atelier de pintura acrílica do Atílio Colnago. Desde então, venho estudando de forma mais independente, em paralelo à faculdade.

9. Pela Greta

Os abandonos urbanos são resíduos da nossa cultura, uma cultura do desperdício, do descarte e da substituição.

Esses restos são vistos como inúteis e improdutivos em uma sociedade que valoriza o consumo como bem maior. Na contramão desse pensamento, os artistas enxergam nessas ruínas, poesia para suas ações.

A poesia de Manoel de Barros já anunciava: 'o que é bom para o lixo é bom para a poesia' e inspira a série de postais Pela Greta.

O cartão-postal é a expressão da memória de um local que merece ser lembrado. Em geral, os postais representam pontos turísticos de cidades conhecidas.

No entanto, a série Pela Greta desconstrói esse papel do ponto turístico levando um olhar poético para as ruínas de uma pequena cidade desconhecida de Minas Gerais, em que a natureza e as artes avançaram fazendo presença no esquecimento. Desconfio que as plantas leiam Manoel de Barros.

Nalu Carvalho. Nalu é uma curiosa por natureza. Arquiteta e urbanista de formação, nascida em São João del-Rei e criada na beira do Rio Grande gosta de ver beleza em tudo que parece banal. Desse gosto, nasceu sua pesquisa de mestrado e os postais Pela Greta.

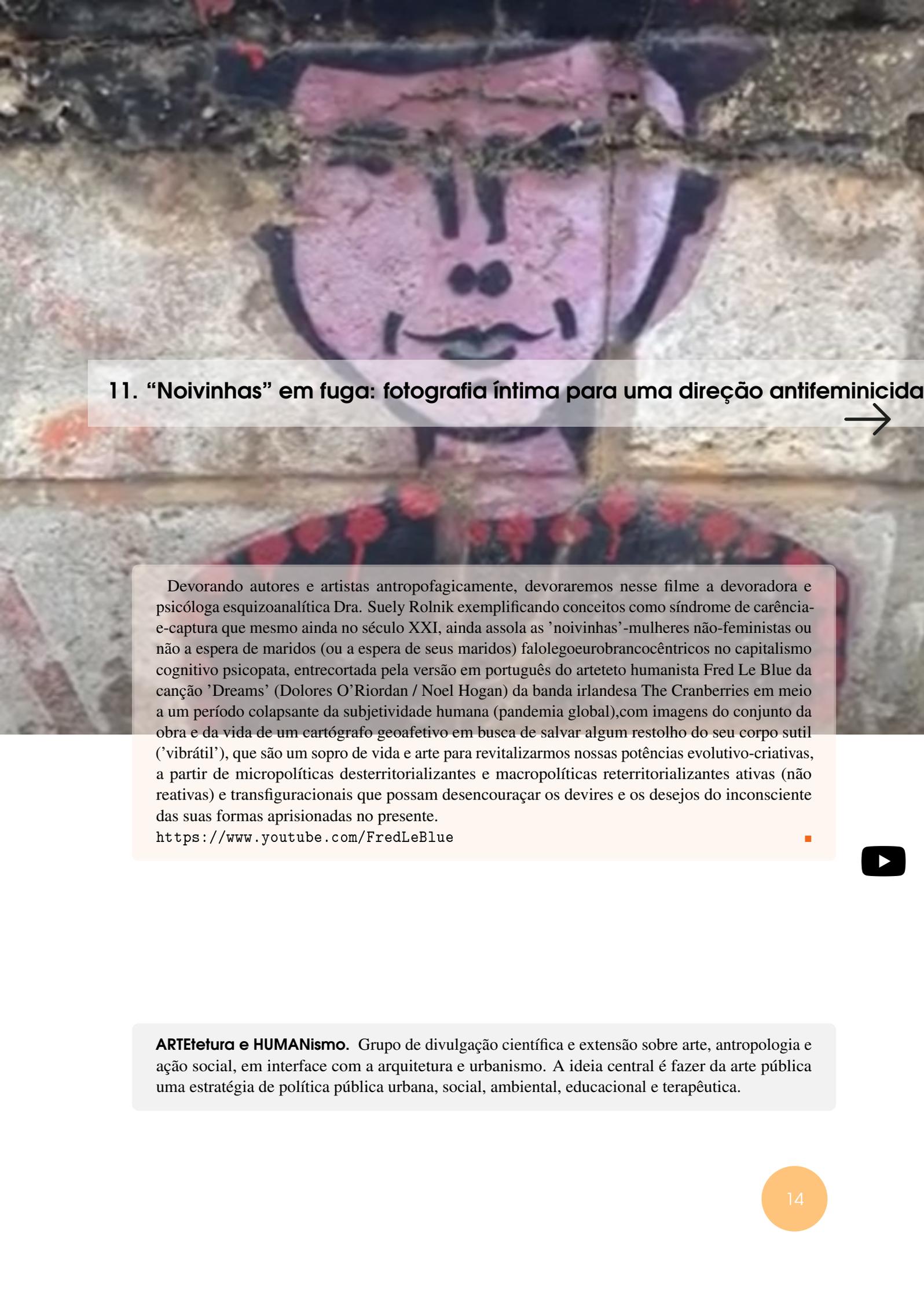


10. Os segredos de Rosário

O presente vídeo é uma pequena entrevista com duas moradoras do distrito Rosário de Minas, pertencente a cidade de Juiz de Fora-MG, falando sobre uma tradicional festa do local que está sendo esquecida com o tempo: A 'Festa de Judas'.



Aline Cristine Carvalho.



11. “Noivinhas” em fuga: fotografia íntima para uma direção antifeminicida



Devorando autores e artistas antropofagicamente, devoraremos nesse filme a devoradora e psicóloga esquizoanalítica Dra. Suely Rolnik exemplificando conceitos como síndrome de carência-e-captura que mesmo ainda no século XXI, ainda assola as 'noivinhas'-mulheres não-feministas ou não a espera de maridos (ou a espera de seus maridos) falolegoeurobrancocêntricos no capitalismo cognitivo psicopata, entrecortada pela versão em português do arteteto humanista Fred Le Blue da canção 'Dreams' (Dolores O'Riordan / Noel Hogan) da banda irlandesa The Cranberries em meio a um período colapsante da subjetividade humana (pandemia global), com imagens do conjunto da obra e da vida de um cartógrafo geoafetivo em busca de salvar algum restolho do seu corpo sutil ('vibrátil'), que são um sopro de vida e arte para revitalizarmos nossas potências evolutivo-criativas, a partir de micropolíticas desterritorializantes e macropolíticas reterritorializantes ativas (não reativas) e transfiguracionais que possam desencourçar os devires e os desejos do inconsciente das suas formas aprisionadas no presente.

<https://www.youtube.com/FredLeBlue>



ARTEtutura e HUMANismo. Grupo de divulgação científica e extensão sobre arte, antropologia e ação social, em interface com a arquitetura e urbanismo. A ideia central é fazer da arte pública uma estratégia de política pública urbana, social, ambiental, educacional e terapêutica.



12. Eu sei que vocês têm dançado



Eu Sei Que Vocês Têm Dançado é uma videodança-sobrevivência que foi composta nos primeiros dias da pandemia.

Foi preciso reinventar a dança e a casa, assim como hoje é preciso reinventar o mundo em que vivemos.

Com trilha de Guilherme Scardini, Eu Sei Que Vocês Têm Dançado é sobre as pequenas frestas de sobrevivência nesse mundo-caos.

https://www.instagram.com/rebecalima_----/ ■



Rebeca Lima. Sou mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João Del Rei, minha pesquisa hoje tem ênfase na arte que acontece na cidade, nos encontros, desencontros e poéticas da urbe. . . Também sou bacharela e licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa, durante minha graduação trabalhei com arte-educação, educação em sistema prisional, performance e direitos humanos, dentre outras questões do corpo e das possibilidades desse. . . Meu trabalho hoje é multifacetado, sou fazedora das multiplicidades em arte e meu caminho perpassa pela dança, fotografia, texto, performance e audiovisual . . Além disso, faço um bolo de cenoura ótimo, atuo como produtora cultural e pesquisadora-curiosa do samba jazz.



13. Silêncio e Sons: Rostos e Quarentenados



Nessa proposta buscamos brincar com alguns princípios do áudio visual: luz, sombra, som, silêncio - numa experimentação que valoriza a interdisciplinaridade de seus realizadores, revelando diferentes modos de sentir a atualidade.

Durante a pandemia grandes sombras da humanidade emergiram. Como cada rosto lida com tantas questões? Percebemos de forma, ora trágica, ora heroica, como somos interdependentes, interconectados, em escala local e mundial, entre política e mídia.

Nesses tempos pandêmicos, seja do ponto de vista geográfico ou político, nos sentimos atolados em pensamentos não só de uma solidão concreta, mas de um isolamento imaginário, no qual tudo parece ser arrastado por interesses desumanos.

Silêncio se torna som aos ouvidos no aqui agora. O que liga não são os fios da rede, mas a força que se exerce a partir desses.

Informações técnicas: curta metragem, formato Mp4, duração 3'40", colorido. ■



Gyan Celah. Atualmente desenvolve investigação de mestrado na linha de 'Performances, Processos e Poéticas' do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFSJ e atua como arte-educador na equipe pedagógica do Teatro da Pedra, em São João del-Rei. É Especialista em Desenvolvimento Humano com Ênfases em Processos Afetivos e Criatividade, (Universidad Distrital/ Bogotá). Licenciado em Teatro desde 2010, pela UFRGS, é um professor que busca cativar sonhos, ajudando a desbravar alternativas criativas para concretá-los. Das instituições educativas onde trabalhou destacam-se: Centro de Desenvolvimento da Expressão, Pequena Casa da Criança, Escola Projeto, Teatro Escola de Porto Alegre TEPA (todos esses em Porto Alegre); Fundación Universitaria del Área Andina, Kajuyali (em Bogotá). Além de ator, investiga o universo da animação teatral, em especial pelos infinitos diálogos possíveis entre luz, corpo e espaço. O teatro de sombras configura uma influência significativa no seu perfil de diretor (Grupo Cúmplice 2009/2014, SOMOS Colectivo Artístico 2015/2018). Principais espetáculos dirigidos: 'PT Saudações' (2011-13); 'Causos Alumiados' (2011-14), 'No se lo cuentes a nadie' (2016-18). Lia Brito de Lima; João Marcos de Oliveira Lara; Wesley Henrique Ferreira Furquim; Isadora Franco Oliveira

BANDA MANGAIA

14. Banda Mangaia

A banda Mangaia surgiu dentro dos pressupostos de formação e circulação artísticas do Instituto Curupira, na transição entre os anos 2012 e 2013. Em cerca de 9 anos de atuação, foram mais de 250 shows, em mais de 15 cidades mineiras, sempre com o seu trabalho autoral ou processos de interpretação de clássicos da MPB nacional ou outras canções. Contemporaneamente a banda tem se dedicado a estudar e entender outras frentes de atuação com a qual possa trabalhar, diante do amadurecimento de alguns vários aspectos dos membros e dos projetos envolvidos. Um aspecto preponderante do trabalho do grupo é a correlação entre canções, poesias e interação em forma de diálogo constantes com o público. ■



Delton Mendes Francelino; Ana Paula Tostes; Bruna Carvalho; Juliana Tostes; Mike Tavares; Maria Eduarda Malvar Porto. É propósito que as letras sejam críticas, revelando possibilidades de sensibilização humana e ambiental - até, por este motivo, já conquistou menções honrosas ao longo de toda essa caminhada artística.

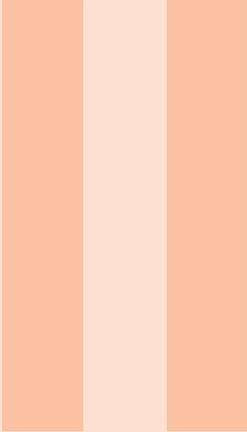


15. Um minuto antes do silêncio

TÉCNICA: colagem gráfica digital e sonoplastia **CONCEITUAÇÃO:** Imagem representando Odaleia, nascida em terras ricas em natureza brasileira e que veio a falecer no início do ano por conta da pandemia. A imagem é um vestígio de uma das muitas pessoas, e não números, que se foram e deixaram apenas a casca desse mundo insustentável que vivemos para ser consumida pela terra e pela natureza.

A imagem traz a reflexão que apesar da nossa casca, somos natureza e para ela voltamos ao final da vida, nós somos ela e dependemos dela. Ao fundo imagem de cachoeira da terra da Odaleia e o som da mensagem deixada pela mesma aos seus familiares antes de falecer, falando que o que fica é a saudade e o essencial para o futuro é nos mantermos unidos e cuidando uns dos outros! ■

Rayane Lima Cezário e Bruna Mascarenhas. Arquitetas e Urbanistas focadas nas questões de saúde e educação, buscando soluções para um mundo pós pandêmico.



Galeria Dois

16	Arte na serra - para não queimar o futuro	21
17	O Jardim Depois Do Fim	22
18	Caminho De Vagalume	23
19	Poros	24
20	Urbanidades Sanjoanenses	25
21	Legado: O Design Do Futuro	26
22	Corpo e Mudanças Climáticas - a casa caindo	27
23	Pari Passu	28
24	O Marasmo dos Pastos	29
25	CROSSFUT: o futebol reinventado em Minas Gerais	30
26	Estudos - Cores de Buda e Oxum para lemanjá	31
27	Enquanto se cata o feijão	32
28	Futuro (?) O Saber da Humanidade	33
29	Sinógeno	34
30	Performance Art - 'Cadê As Árvores Que Estavam Aqui?'	35
31	Paisagens Urbanas Distópicas	36

arte

na serra

16. Arte na serra - para não queimar o futuro

para não

queimar

o futuro



Projeto que visa valorizar a paisagem são-joanense em suas peculiaridades, e defendê-la nos espaços destinados à preservação ambiental: parques e unidades de conservação, que estão sujeitos à depredação, vandalismo e à pressão imobiliária.

Gostaríamos de fomentar um vínculo estreito entre as pessoas e a paisagem através do incentivo ao uso da Serra pela população da região de forma cotidiana, e promover um olhar comprometido com a paisagem local. Fortalecendo as redes de comunicação entre os usuários desses espaços teríamos, entre os inúmeros outros impactos, maior eficiência na detecção de incêndios. ■



Arte na Serra - Para não queimar o futuro. Zandra Coelho de Miranda; Fernanda Nascimento Corghi; Eivelton Ferreira Tomás; Paulo Henrique da Silva



17. O Jardim Depois Do Fim

Depois da série Ninguém chora a morte das folhas, iniciada em 2017 mas ainda em processo, O jardim depois do fim (2021) surge agora como um desdobramento - uma homenagem ao vestígio e ao fim.

Como uma ode ao silêncio, folhas, galhos e flores foram coletados do chão e organizados em uma composição botânica, como se fossem um pequeno jardim em que cultiva-se a ausência, tanto da raiz que originou o que agora são restos e não se pode mais rastrear, quanto da própria vida. Pautada na contenção, a série O Jardim depois do fim é um epitáfio, a inscrição da própria existência que aponta, constantemente, para a própria obliteração.

<https://www.instagram.com/dbrh.cstr/>

<https://padlet.com/deborahwmcastro/9etp5woxfi4hncnv>

Deborah Castro. Deborah Castro é professora adjunta de Língua e Literatura de Língua Inglesa na Universidade Federal de Alfnas (UNIFAL-MG). Sua trajetória é pautada por interesses que vão desde as relações entre palavra e imagem e a poética do silêncio. Dentre suas produções artísticas, tem atualmente se enveredado por criações que tocam os estudos da botânica e as relações entre o vestígio, a memória e o fim.



18. Caminho De Vagalume

'Caminho de vagalume' é parte da pesquisa intitulada 'A poética cartográfica', que está em curso no programa de pós graduação interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade - Pipaus/UFSJ.

Perco a cidade cartografando afetos e emoções, associados às casas onde residi em minha vida. Entre essas andanças, sou surpreendido com uma visita inesperada: um vagalume!

Ele entra em meu quarto, ilumina o ambiente, invade meu território (ou será que eu já o havia invadido há tempos?).

Em um rápido ato, pego o celular e registro aquele encontro tão especial e efêmero. Caminhos que se cruzam...Capturo o tempo.

Sou grato pela visita.

Para as fotografias foram utilizadas as técnicas de longa exposição a partir da câmera de celular (rastros do vagalume), e de longa exposição e light painting com câmera profissional (fotografia do lar).

Álvaro Carvalho. Licenciado em Geografia pela UFOP, especialista em Ensino de Artes Visuais pela EBA/UFMG, mestrando no PIPAUS/UFSJ. Tem a fotografia como hobby e interesse na interdisciplinaridade entre Artes e Geografia, assim como na cartografia e suas múltiplas faces.

19. Poros

Toda uma cultura plural oriunda do cruzo sofre um velamento vinculado à normatividade, à disciplina e ao poder. A série “Poros” propõe o seu desvelamento.

Nesse conjunto de esculturas, pele e ferro se encontram. Em seu corpo o ferro é proveniente de grades de segurança encontradas em residências, lugares públicos, fábricas e escolas.

A partir do gesto de apropriação e desmanche o que antes era grade ganha outra forma. Em sua transmutação a sinuosidade nas formas é conduzida por aros, onde repousa agora a pele, o couro pertencido ao tambor ontem.

Nesse sentido, venho entendendo o tambor como um dos fios essenciais da cultura brasileira, presente nos ritos e nas festas. Apesar de trazer elementos do tambor, o trabalho não é um instrumento e sim está situado entre instrumento e escultura. É no “entre” que o trabalho se apresenta como uma espécie de objeto fronteiroço.

<https://www.instagram.com/tonilbraz/>

Tonil Braz. Nasci e trabalho em Juiz de Fora, Minas Gerais, venho desenvolvendo minhas pesquisas e ações poéticas entendidas no campo das artes visuais desde 2013. Com formação no bacharelado interdisciplinar em artes e design (2014), licenciatura no ensino de artes visuais (2015) e com especialização no ensino de artes (2018) ambos realizados na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), contando ainda com passagem na Escola de Artes do Parque Lage (2013). Atualmente sou mestrando em poéticas visuais no curso de pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens (UFJF). Em minha trajetória participei de várias exposições coletivas com destaque para o IX Salão de Artes de Itabirito (2020) sendo contemplado com prêmio de menção honrosa, além de duas exposições individuais com destaque para a instalação 'Um Lugar em Outro Lugar' (2016), projeto contemplado por lei de incentivo à cultura. Em 2021 entre os meses de setembro e outubro participei do Salão de Arte de Vinhedo – SP. Além de artista, atuo como professor nas escolas da rede pública de educação e espaços não convencionais.



20. Urbanidades Sanjoanenses

As errâncias pela cidade nos revelam e nos provocam diversas sensações, sentimentos e experiências captadas pelo andar e pelo olhar.

E essas sensações, sentimentos e experiências foram capturadas pelas câmeras a mão no momento, ora do celular, ora por câmera fotográfica digital.

O presente ensaio fotográfico apresenta essas imagens capturadas durante as errâncias pela cidade de São João Del Rei - MG.

E apesar de cada imagem ter sido capturada devido à sensação, sentimento ou experiência experienciada naquele momento, não descrevo as fotos e nem mesmo o que foi experienciado com o propósito de deixar o espectador ter suas próprias sensações e conclusões.

<https://padlet.com/anakelly4/xtsk01k5hwyr7joc>

Anakelly Santos

Anakelly Silva Santos. Anakelly é mestranda do PIPAUS-UFSJ. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFSJ. Pesquisadora do Instituto Histórico e Geográfico de Ritópolis - IHGR. Fotógrafa amadora. Artista amadora. E se define como uma 'amadora engajada'.



21. Legado: O Design Do Futuro

O presente ensaio é composto de recortes feitos em diferentes momentos das minhas andanças contemplativas pelas cidades da região (Tiradentes, São João del-Rei e Santa Cruz de Minas). O objetivo de reunir estes quadros é chamar atenção para o consumo e o descarte de objetos após perder a função de uso e como isso pode impactar a vida e a sustentabilidade do planeta. Isso porque vejo a arte fotográfica como uma importante aliada para informar e sensibilizar a sociedade sobre a urgente necessidade de novas maneiras de pensar e agir para definir o design que queremos no futuro.

<https://www.instagram.com/stories/estria.fotocoletivo/> ■

Silvia Reis. Fotógrafa e educadora, Silvia Cristina dos Reis é mestra em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade. Possui bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e licenciatura em Letras. Desde 2017 se dedica a pesquisar e fazer experimentações unindo arte, fotografia e comunicação. Atualmente, é técnica do grupo de pesquisa GEPEducomufsj e integrante do Estria foto coletivo (<https://www.instagram.com/stories/estria.fotocoletivo/>)



22. Corpo e Mudanças Climáticas - a casa caindo



Até quando a casa vai aguentar? Quando o céu vai cair?

Esse vídeo procura através de uma metáfora que relaciona a coexistência do nosso templo corpo, casa e planeta com os efeitos das mudanças climáticas refletir sobre como estamos caindo. Ruindo. Destruindo parte por parte.

P.A.R.T.I.C.U.L.A.S do nosso S.E.R!

Tá na pele, tá no som, tá no ar tá no hálito, tá em cada ato atoa do cotidiano e ninguém vê? Eu não vejo? ou finjo que não vejo para tornar mais suportável?

O vídeo artístico tem duração de 2min e 23 seg e contém nudez. ■



Wesley Furquim. Wesley furquim...Terno, (E)terno e quase sem ponto F.I.N.A.L.



23. Pari Passu

'Pari Passu', é um ensaio fotográfico realizado durante o carnaval de 2019 na cidade mineira de Perdões.

Uma série de 4 fotografias que busca retratar os torpes passos e tropeços da dança de um folião. Em preto e branco e com sobreposição das mesmas fotografias, Pari Passu é um recorte das formas e traços que a festividade carnavalesca proporciona ao instigar a ocupação dos espaços públicos com os corpos, com os passos e com a dança.

Pari Passu é um instante dos passos que ocupam os espaços públicos.

@marlonfrancofoto

Marlon Franco. Graduado em História e graduando em Arquitetura e Urbanismo, é também fotógrafo autoral desde 2010. Integrou coletivos artísticos e atualmente é membro do Observatório das Urbanidades/UFLA.

o marasmo dos pastos - joão v. bessa

como é triste ver
um morro pelado
sem árvores arbustos
casas de pássaros

apenas grama seca
cercas de arame farpado
a folhagem amarelada
e moribunda dos pastos

é certo que mãos malditas
inflamadas e covardes
provocaram faíscas
rubras labaredas de morte
que se tornaram fachos
avançando contra tudo

24. O Marasmo dos Pastos



O poema O marasmo dos pastos foi escrito no banco de um carro em movimento, durante uma viagem entre os estados do RJ (onde nasci) e MG (onde resido).

Por ter crescido em Cordeiro, uma relação de encanto e admiração pela natureza dos morros, matas e bichos porque há uma reserva ambiental que atravessa o município. Uma relação afetiva, de pertencimento.

É um amor que vem das memórias criadas a partir de informações, mas também de imagens que carregam sentimentos.

Durante a viagem, realizada em setembro, as imagens dos pastos e de morros queimados pela gana latifundiária marcou as paisagens.

E por isso, justamente, decidi escrever esse poema, fazendo emergir da memória os sentimentos que tenho pela mata, deixando que as emoções dessas imagens aflorassem e tomassem conta do papel.

Quando se queima as matas, se sacrifica a fauna, a flora e o futuro em nome do lucro privado.

<https://www.instagram.com/bessismos>

pássaros jaguatiricas
há hoje o marasmo dos pastos

João V. Bessa. João V. Bessa é artista e jornalista cordeirense, nascido em 1997. Jornalista formado pela UFSJ (2021), tem experiência como repórter, redator e colunista de Cultura & Arte, tendo colaborado com jornais em sua cidade natal e em São João del-Rei, além de ter atuado por dois anos em coberturas do Inverno Cultural. Sua trajetória prematura na música começa aos 8 anos, por influência de seus pais e em especial de sua mãe. Apresentou-se com a banda Echoes aos 15 anos, tendo suas primeiras experiências de palco e de composição. Já em São João del-Rei, apresenta-se com a cantora Isis Ferreira desde 2020 e agora prepara o lançamento de seu primeiro EP, Sonhos em cinza, em novembro. Sua relação com a poesia remonta ao início da adolescência, momento em que descobriu na expressão verbal um motivo para viver e perceber o mundo ao seu redor. É na poesia que encontra vazão para os sentimentos que sempre afligiram seu corpo negro, mas também às emoções que motivam sonhos, desejos, prazeres e alegrias: uma ferramenta para desembruteçar o corpo acostumado a sentir-se como pedra e a negligenciar suas emoções. Tem como principais influências Cruz e Sousa, Fernando Pessoa, Ferreira Gullar e Cecília Meireles.



25. CROSSFUT: o futebol reinventado em Minas Gerais

Topografia acidentada. Matéria prima mineral indispensável para o CrossFut, um futebol reinventado em Belo Horizonte acidentalmente.

Em meio a pandemia de COVID-19, a quarentena não poderia significar sedentarismo, já que isso é uma das comorbidades que intensificam as chances de se tornar sintomáticos para a doença.

Como todos os esportes coletivos foram suspensos e mesmo os campeonatos estaduais, como o mineiro, foram interrompidos por mais 3 meses, o jeito foi usar a cabeça para fazer gols com os pés para praticar uma hora diária de atividade física.

Sem deixar de seguir o isolamento social e uso de máscara, Fred Le Blue tira proveito da protuberância geológica do meio ambiente mineiro para interagir socialmente com a natureza.

O resultado é uma espécie de caiaquismo, parkour, alpinismo, squash, crossfit, game e futebol.

Quem diria, que uma bola made in China iria criar um futebol made in Minas? Ladeiras íngremes não vão faltar.

<https://www.editorabrasilhateimosa.weebly.com>

Fred Le Blue. Pós-doutorando EBA UFMG; P.H.D. Urban Planning IPPUR/UFRJ; mestre em Memória Social PPGMS/UNIRIO; graduado em Comunicação Social FIC/UFG; Pesquisador associado do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ); Idealizador do Movimento Artetutura e Humanismo; E CEO da Editora Multimídia Brasília Teimosa.



26. Estudos - Cores de Buda e Oxum para Iemanjá



O presente estudo em videodança faz parte de um processo criativo que busca matrizes na dança contemporânea e afro, e também, na relação com o espaço praia/mar, para a composição de um espetáculo no futuro.

A performer, pesquisadora e dançarina, Aline Neli, usa roupas amarelas que representam as cores das vestimentas de Buda e Oxum em oferecimento a Iemanjá-mar.

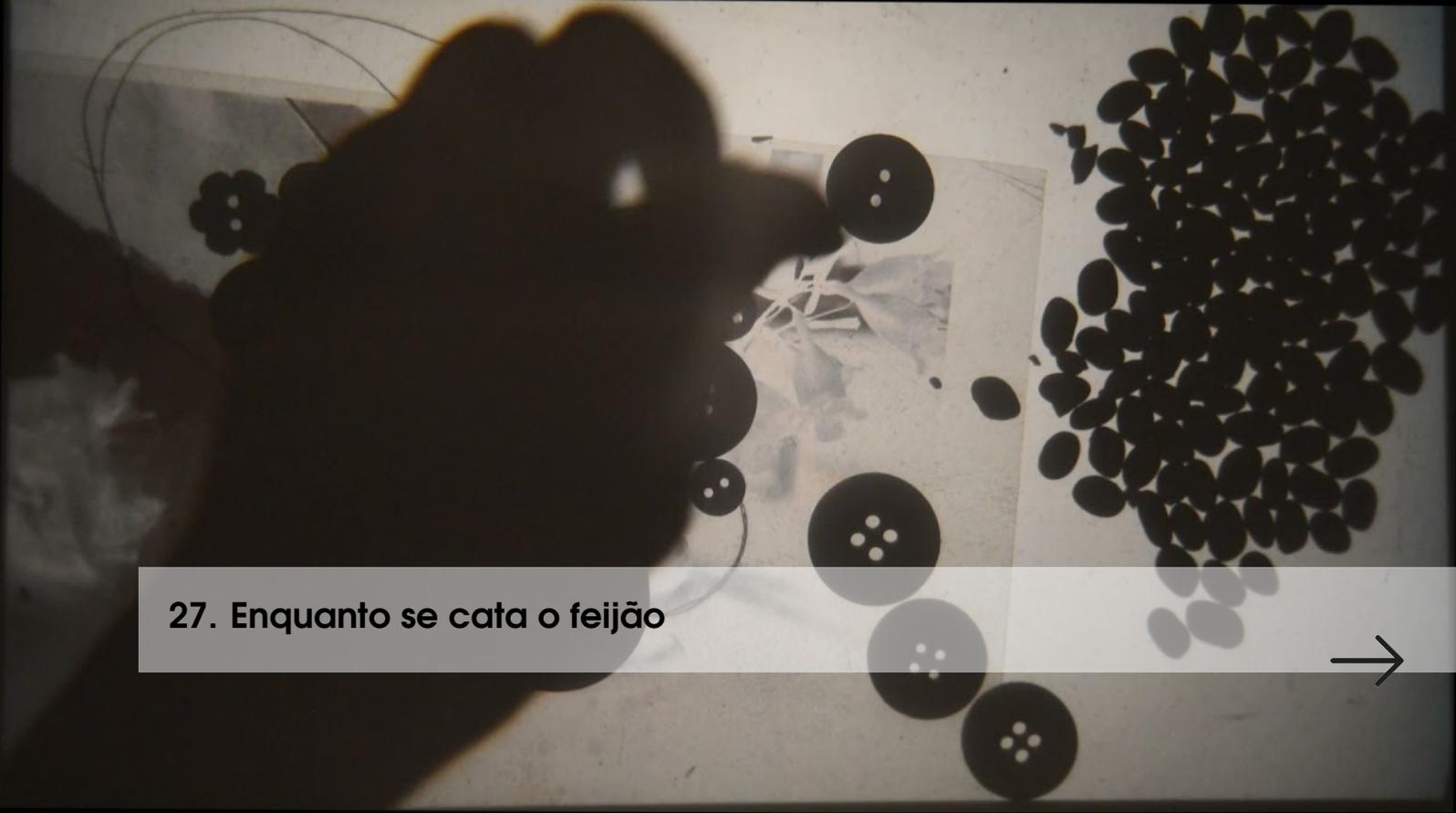
Aline pretende colocar em discussão, o impacto humano e corporativo na biodiversidade marítima, por meio do espetáculo de dança, além das possibilidades de criar novas relações sociais com o mar.

A trilha sonora é a música 'Paula e Bebeto', do Milton Nascimento e por fazer parte de um estudo não é necessário autorização do artista.

<https://www.instagram.com/alineneli/> ■



Aline Neli. Aline Neli Dos Santos nasceu em Uberaba/MG, é pedagoga, multiartista, budista, pós-graduada em neuropsicopedagogia, metodologia do ensino de Artes e mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela UFSJ. Atua em diferentes projetos educacionais, ambientais, culturais e artísticos, visando garantir o direito coletivo de participação/criação dos bens materiais, sociais e culturais.



27. Enquanto se cata o feijão

É uma vídeo performance ou vídeo arte em cocriação com Maria Cloenes.
É um filme que fala do tempo, da rotina; nossas inquietações e processos artísticos que estão a todo momento sendo atravessados pelas tarefas diárias; nossos afetos e sentimentos em meio ao momento tão delicado que estamos enfrentando.

As lembranças que são despertadas através de nossas fotografias, os sonhos recriados diante do caos.

Este trabalho foi selecionado na IV Mostra Solus - Encontros de solos verbais e não verbais.

Ficha técnica:

Maria Cloenes: Pesquisa, criação, performance e dança.

Tatiane Bispo: Pesquisa, criação, captação, edição de imagem e som.

Marcony Carvalho: Iluminação e som.

*o som começa em 2:22



Tatiane Bispo; Maria Cloenes. Tatiane Bispo é uma artista mineira que trabalha com fotografia de espetáculos culturais e também retratos. Atualmente desenvolve uma pesquisa de mestrado em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade no PIPAUS/UFSJ em parceria com a artista visual e bailarina Maria Cloenes que trata da experimentação de processos que envolvem a hibridização da fotografia com a costura, cianotipia, audiovisual e performance, para se pensar as representações imagéticas que estão no extraquadro do que é denotado como história oficial. Em sua poética, reflete as narrativas plurais de mulheres negras e acredita na potência política da fotografia em decidir quem está presente nos enquadramentos. A memória é parte central e disparadora de suas pesquisas, nela se conecta com sua ancestralidade, buscando influência daqueles que vieram antes e são importantes para a criação artística e compreensão de sua própria história.

MANIPULAR E MOLDAR AS
leis naturais

SEGUNDO



INTERESSES

28. Futuro (?) O Saber da Humanidade

DE QUEM?

PARA QUEM?

O Projeto audiovisual intitulado como 'Futuro (?) O Saber da Humanidade' surge em meio às atividades desenvolvidas para a matéria 'O design do futuro em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade'.

Após a leitura do livro 'O mundo codificado: por uma filosofia do Design e da Comunicação' de Vilém Flusser ficamos tentados a experienciar novas formas do fazer acadêmico, tendo como partida o design que para Flusser se resumia em propósito e a comunicação por formas não verbais ou híbridas, que neste momento nos pareceram mais assertivas.

Entendemos nosso propósito e tratamos de expressá-lo artisticamente, compomos uma música e esta tomou vida através do canto e das colagens.

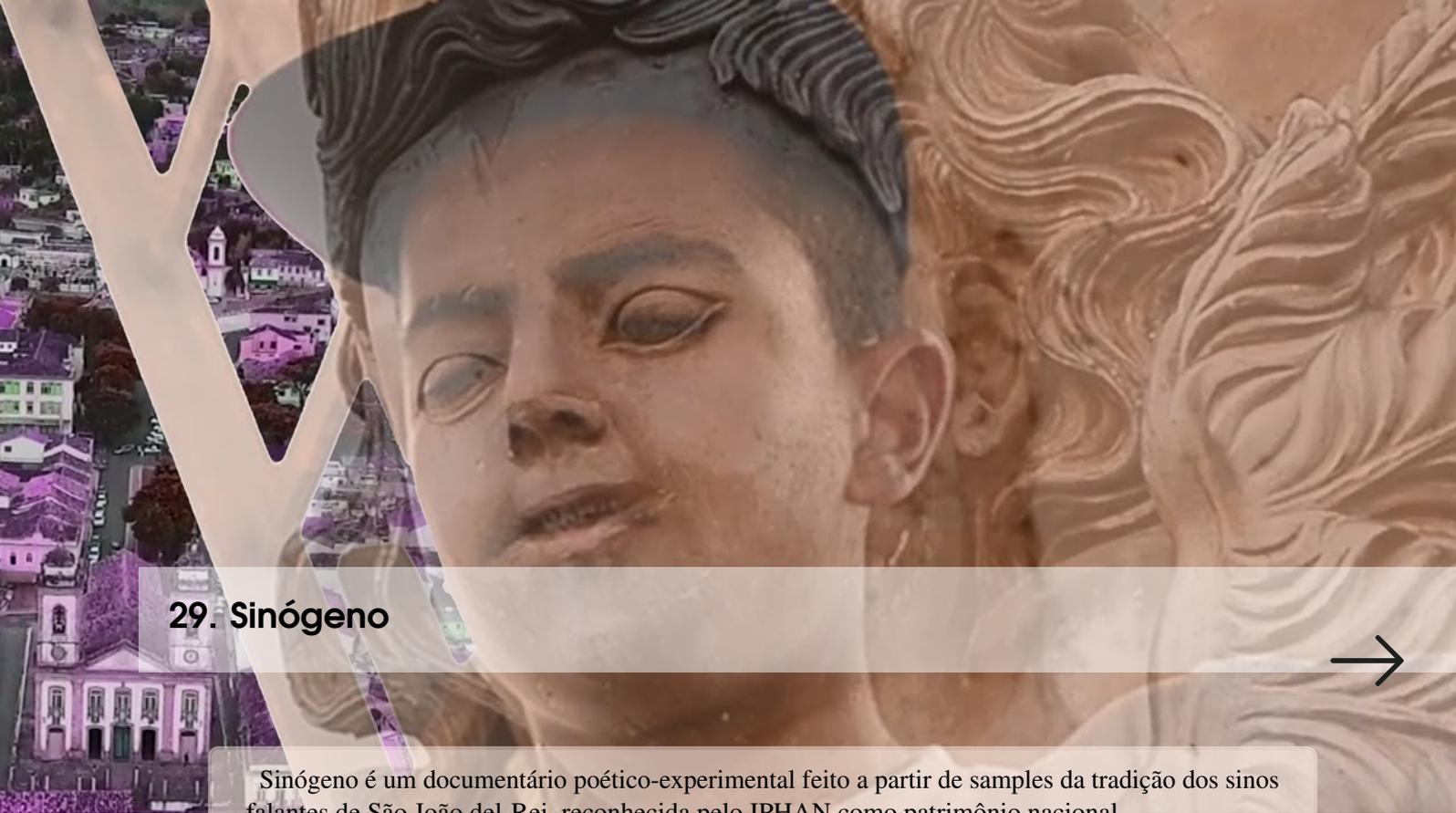
Trouxemos uma crítica social ao progresso e a quem comanda nosso desenvolvimento.

Desejos humanos? Progresso? Para quem? De quem? Tais indagações se fazem necessárias em meio ao cenário em que estamos inseridos.

A proposta visual não traz respostas, mas, faz refletir, pensar. ■



G1 - O Design do futuro em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade. O grupo que surgiu das atividades da matéria 'O design do futuro em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade', se apresenta criticamente, se posicionando frente às investigações dialogadas no meio acadêmico. Lia e Carlos criaram textos poéticos embasados na pesquisa de: Bruna, Camila, Carlos, Hugo, Lia, Rafaella, Taciana e Isma. Hugo deu vida com sua voz através da canção, Rafaella se propôs a criar colagens e transformar a colagem em uma foto-animação. Representando assim, o trabalho coletivo de uma equipe. Cada componente do grupo veio de diferentes áreas de conhecimento se encontrando num mestrado interdisciplinar com propostas que se interconectam. Rafaella Anielly Silva Borges; Lia Brito de Lima; Carlos Eduardo Dias Lopes; Hugo Leonardo Cruz Nogueira; Camila Ruas de Paula; Bruna Chaves Ramos; Taciana Alexandra da Silva; Isma Costa



29. Sinógeno

Sinógeno é um documentário poético-experimental feito a partir de samples da tradição dos sinos falantes de São João del-Rei, reconhecida pelo IPHAN como patrimônio nacional.

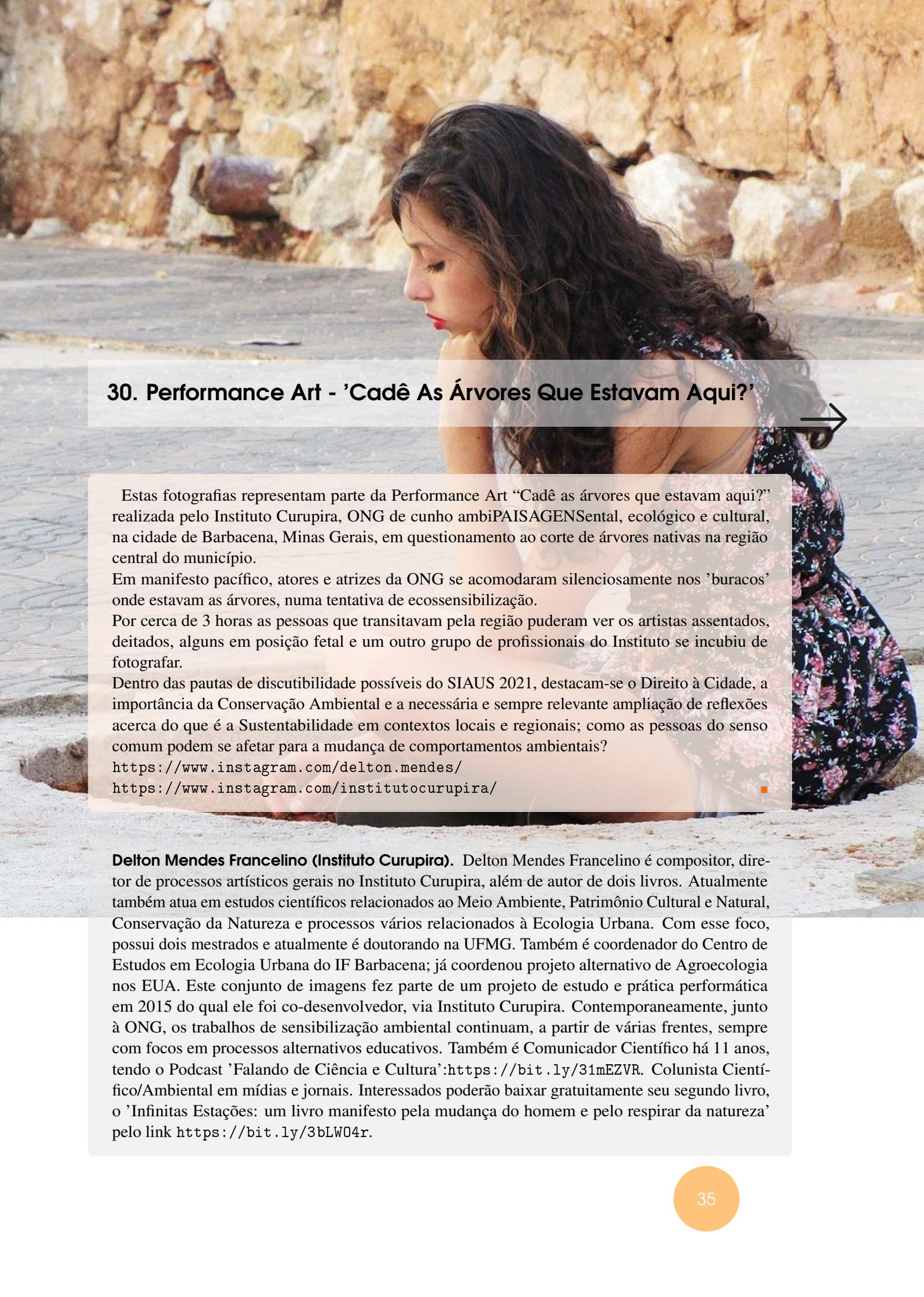
É a primeira produção a samplear os ritmos africanos tocados pelos sinos da cidade, um fato histórico que insere a tradição centenária na linguagem da música eletrônica. O documentário aposta em uma edição que usa efeitos e cores para reforçar o conceito de modernizar o passado, profanar o sagrado e manter a cultura viva através da antropofagia.

Além disso, predominam tons vermelhos, que talvez sirvam para nos lembrar de aspectos contraditórios dessa história, que alguns gostariam de deixar esquecidos. ■

Rabay, Maria Anália, Thiago Morandi. Rabay é Mestrando em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela UFSJ. É músico, produtor, compositor e ativista. Atualmente se dedica a projetos educacionais na área da saúde mental, em instituições psiquiátricas públicas. Utiliza a educação para misturar artes, mídias digitais e educação, fazendo um trabalho que busca fomentar o protagonismo dos participantes. De sua ação nos hospitais, retira elementos sonoros que utiliza nas suas produções musicais e, em suas criações mais recentes, procura questionar os limites entre arte e loucura.

Maria Anália é musicista, pesquisadora em construção de instrumentos não convencionais e aluna do curso de música da UFSJ. Na construção de instrumentos pode aprender muito, mesmo que durante o curto tempo de um ano como assistente de palco do grupo UAKTI e com o músico Leandro César. A pesquisa timbrística de Anália caminha com a construção de uma estética musical cheia de elementos subjetivos. A paisagem sonora, elemento presente em suas composições, ultrapassa a representação de elementos físicos para a tentativa de uma representação de sensações, emoções e realidades fictícias.

Thiago de Andrade Morandi é Doutorando em Ciências Sociais pela PUC Minas, orientado pela Dra. Regina de Paula Medeiros. Morandi é Mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (UFSJ), e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela UFSJ. Tem publicações e exposições em Cuba, Portugal e Colômbia. Foi premiado em 2014 pelo Jornal Estado de Minas e pela UNIRIO, em 2013 pelo SENAC Minas, entre outros. Possui diversas produções audiovisuais, destaque para Voz dos Sinos, documentário exibido em 2018 na 00 Bienal La Habana, em Cuba, em 2019 na ANPOCS e no Festival de La Imagen (Colômbia);



30. Performance Art - 'Cadê As Árvores Que Estavam Aqui?'

Estas fotografias representam parte da Performance Art “Cadê as árvores que estavam aqui?” realizada pelo Instituto Curupira, ONG de cunho ambiPAISAGENSental, ecológico e cultural, na cidade de Barbacena, Minas Gerais, em questionamento ao corte de árvores nativas na região central do município.

Em manifesto pacífico, atores e atrizes da ONG se acomodaram silenciosamente nos 'buracos' onde estavam as árvores, numa tentativa de ecossensibilização.

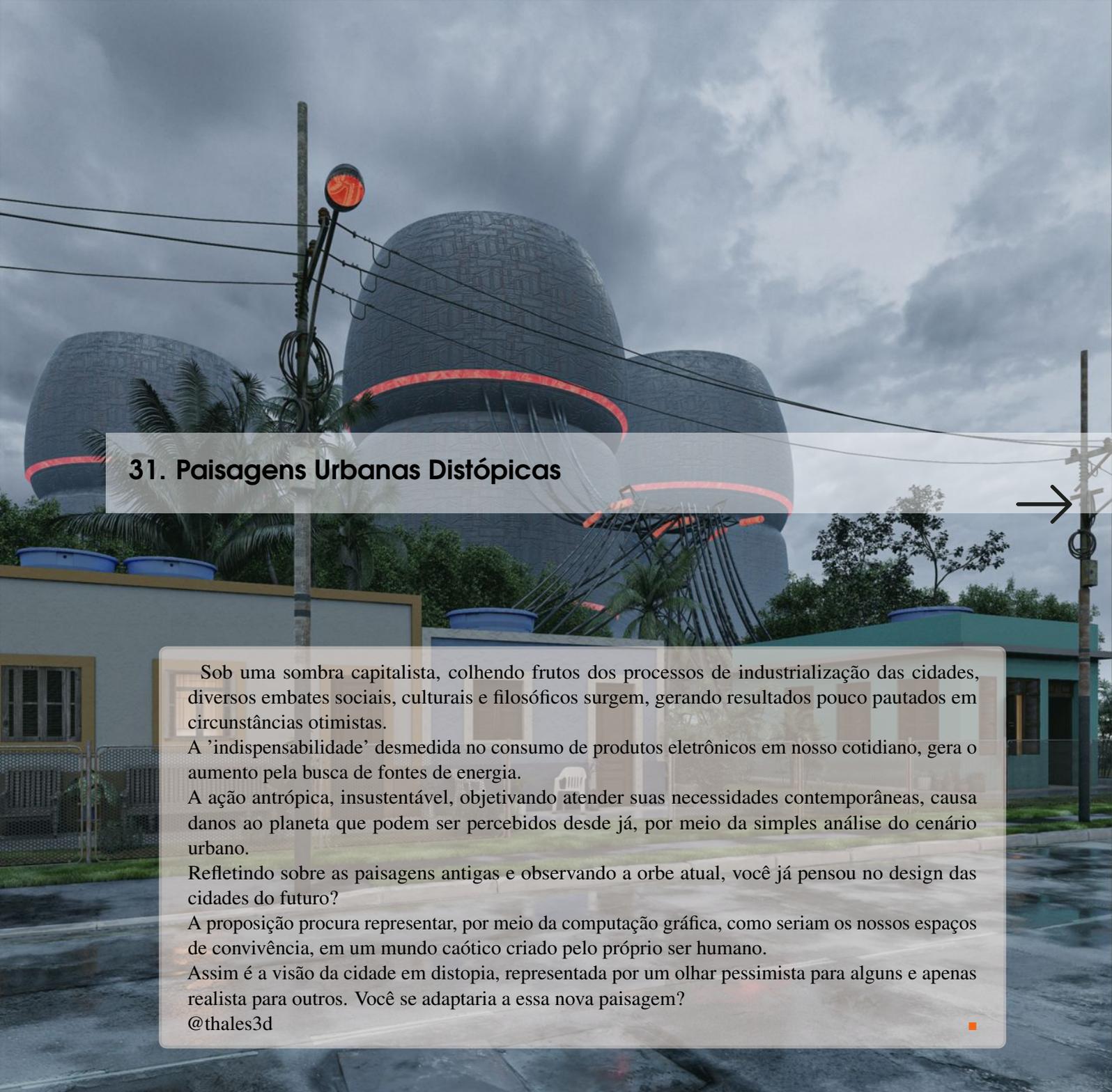
Por cerca de 3 horas as pessoas que transitavam pela região puderam ver os artistas assentados, deitados, alguns em posição fetal e um outro grupo de profissionais do Instituto se incumbiu de fotografar.

Dentro das pautas de discutibilidade possíveis do SIAUS 2021, destacam-se o Direito à Cidade, a importância da Conservação Ambiental e a necessária e sempre relevante ampliação de reflexões acerca do que é a Sustentabilidade em contextos locais e regionais; como as pessoas do senso comum podem se afetar para a mudança de comportamentos ambientais?

<https://www.instagram.com/delton.mendes/>

<https://www.instagram.com/institutocurupira/>

Delton Mendes Francelino (Instituto Curupira). Delton Mendes Francelino é compositor, diretor de processos artísticos gerais no Instituto Curupira, além de autor de dois livros. Atualmente também atua em estudos científicos relacionados ao Meio Ambiente, Patrimônio Cultural e Natural, Conservação da Natureza e processos vários relacionados à Ecologia Urbana. Com esse foco, possui dois mestrados e atualmente é doutorando na UFMG. Também é coordenador do Centro de Estudos em Ecologia Urbana do IF Barbacena; já coordenou projeto alternativo de Agroecologia nos EUA. Este conjunto de imagens fez parte de um projeto de estudo e prática performática em 2015 do qual ele foi co-desenvolvedor, via Instituto Curupira. Contemporaneamente, junto à ONG, os trabalhos de sensibilização ambiental continuam, a partir de várias frentes, sempre com focos em processos alternativos educativos. Também é Comunicador Científico há 11 anos, tendo o Podcast 'Falando de Ciência e Cultura': <https://bit.ly/31mEZVR>. Colunista Científico/Ambiental em mídias e jornais. Interessados poderão baixar gratuitamente seu segundo livro, o 'Infinitas Estações: um livro manifesto pela mudança do homem e pelo respirar da natureza' pelo link <https://bit.ly/3bLW04r>.



31. Paisagens Urbanas Distópicas

Sob uma sombra capitalista, colhendo frutos dos processos de industrialização das cidades, diversos embates sociais, culturais e filosóficos surgem, gerando resultados pouco pautados em circunstâncias otimistas.

A 'indispensabilidade' desmedida no consumo de produtos eletrônicos em nosso cotidiano, gera o aumento pela busca de fontes de energia.

A ação antrópica, insustentável, objetivando atender suas necessidades contemporâneas, causa danos ao planeta que podem ser percebidos desde já, por meio da simples análise do cenário urbano.

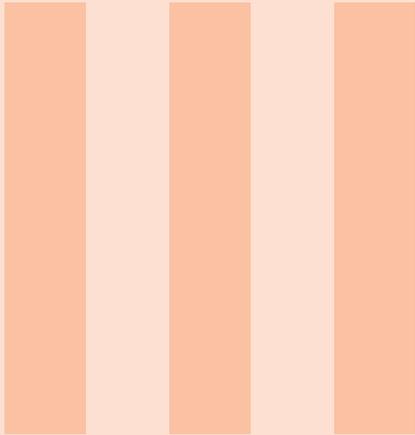
Refletindo sobre as paisagens antigas e observando a orbe atual, você já pensou no design das cidades do futuro?

A proposição procura representar, por meio da computação gráfica, como seriam os nossos espaços de convivência, em um mundo caótico criado pelo próprio ser humano.

Assim é a visão da cidade em distopia, representada por um olhar pessimista para alguns e apenas realista para outros. Você se adaptaria a essa nova paisagem?

@thales3d

Thales Campos e Flávio Silvério. Thales é arquiteto e urbanista, designer gráfico e um artista envolvido com as formas de representação do mundo por meio da modelagem tridimensional computadorizada. Flávio é professor, também arquiteto e urbanista, e apaixonado por todas as possibilidades de expressão por meio da arte, principalmente aquelas que procuram retratar questões políticas e de improbidades como um alerta ao mundo.



Galeria Três

32	Que fizemos nós?	39
33	Ela, Mãe Terra	40
34	Araucárias nos Caminhos	41
35	O Mar e a Urbanidade	42
36	Visadas & Vazios	43
37	A Poluição Da Alma Selvagem	44
38	Dois minutos para a Meia-noite	45
39	Efêmera - O Retrato De Genius Loci	46
40	Brasil, Mostra Tua Cara!	47
41	RES PIRO	48
42	Intervenção artística e urbana Renda-se	49
43	Revirando Espelhos	50
44	Corpo-território Pandêmico	51
45	Vale Nada	52
46	Cartografia Imaginária Da Cidade-Saudade	53

32. Que fizemos nós?



Numa viagem ao Goiás, Alto Paraíso, me deparei com uma grande quantidade de queimadas. O cerrado e sua biodiversidade antes vistoso e imponente, agora enchiam os olhos de lágrimas. Entrei em contato com o txai (na língua Kaxinawá significa 'mais que amigo, irmão') Alexandre Adas para fazermos um vídeo denúncia o qual se materializa aqui, nesta apresentação para o SIAUS 2021.

As queimadas (muitas vezes criminosas) assolam importantes biomas - Amazônia, Pantanal, o Cerrado, e outros diversos pontos do Brasil.

A obra 'Que fizemos nós?' convida a refletir sobre a emergência climática, o ecocídio, deflagrar questões intrincadas ao agronegócio (destruidor de toda a biodiversidade local) e justiça climática a qual abrange questões sociais extremamente atuais e relevantes.

O vídeo tem duração de 7:46 min

AudioVisual: Zucco (@vulgo_zucco)

Edição: Zucco

Performer: Alexandre Adas (@adas.alexandre)

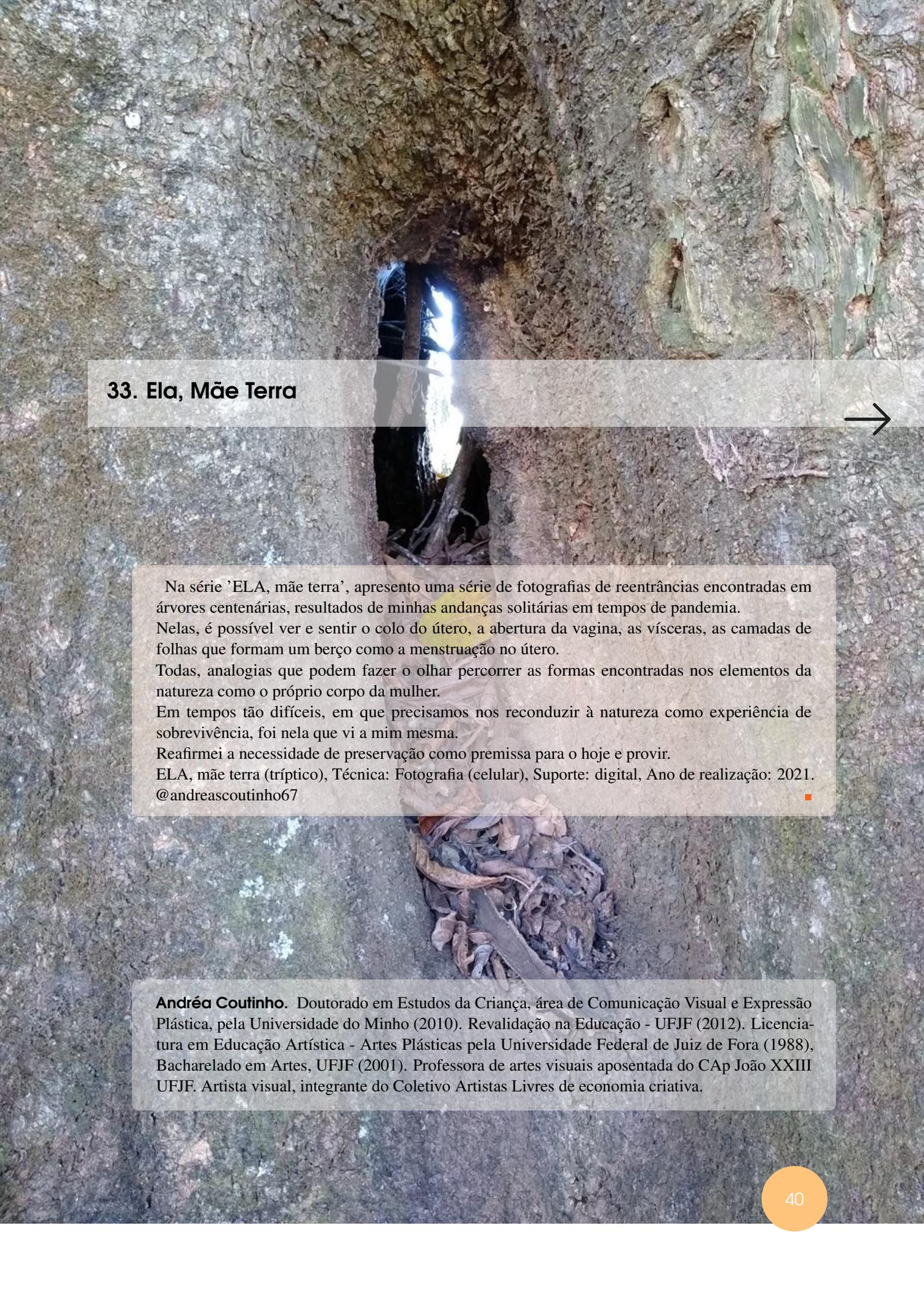
Música: Palace Heaven Up There piano cover

By Heavypiano

Imagens: Banco de imagens Google #Denuncie193



ZUCCO. Zucco mora em Tiradentes. É formado em Design pela Universidade Mackenzie (SP), fotografia, pintura a óleo, formação em artes pela Bauhaus, IED, Art Gallery of Ontario, FAOP e é mestrando na UFSJ. Desenvolvendo artes visuais transmidiáticas.



33. Ela, Mãe Terra

Na série 'ELA, mãe terra', apresento uma série de fotografias de reentrâncias encontradas em árvores centenárias, resultados de minhas andanças solitárias em tempos de pandemia. Nelas, é possível ver e sentir o colo do útero, a abertura da vagina, as vísceras, as camadas de folhas que formam um berço como a menstruação no útero.

Todas, analogias que podem fazer o olhar percorrer as formas encontradas nos elementos da natureza como o próprio corpo da mulher.

Em tempos tão difíceis, em que precisamos nos reconduzir à natureza como experiência de sobrevivência, foi nela que vi a mim mesma.

Reafirmei a necessidade de preservação como premissa para o hoje e provir.

ELA, mãe terra (tríptico), Técnica: Fotografia (celular), Suporte: digital, Ano de realização: 2021. @andreascoutinho67

Andréa Coutinho. Doutorado em Estudos da Criança, área de Comunicação Visual e Expressão Plástica, pela Universidade do Minho (2010). Revalidação na Educação - UFJF (2012). Licenciatura em Educação Artística - Artes Plásticas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1988), Bacharelado em Artes, UFJF (2001). Professora de artes visuais aposentada do CAp João XXIII UFJF. Artista visual, integrante do Coletivo Artistas Livres de economia criativa.



34. Araucárias nos Caminhos

Araucárias nos Caminhos uma colagem animada musical, na qual pretende-se abordar criticamente fases do Brasil, desde antes de Cabral, o Pindorama, passando pela invasão colonial de Portugal, o massacre e escravização de indígenas e pretos, destruição da Natureza, imposição de uma lógica urbanizadora eurocêntrica, desrespeitando leis naturais do contexto geosociomorfológico. Sem deixar de insinuar possíveis rompimentos com esse paradigma pensando em designes futuros ancorados em sistemas biotecnológicos diversos, quem sabe ...vestígios do futuro...

Uma experimentação artística de colagem animada musical, cuja técnica foi a seleção, recorte e colagem de iconografia, entre mapas antigos, fotos e desenhos autorais e imagens de uso livre da internet, para montagem de uma série de quadros, utilizando o software Adobe Photoshop. Posteriormente estes quadros foram colocados em série e animados no Windows Movie Maker. Esta animação recebeu ainda um trecho/versão, com arranjo de João Lara da canção *Árvore*, (SILVA, P.J.C. e MARTINS, Mateus. C., 2020). ■



Paulo Jarbas. Paulo Jarbas Cardoso da Silva, arquiteto urbanista, engenheiro ambiental, ambientalista, agroecologista, pesquisador, artista experimental, ginasta, mestrando no PIPAUS - UFSJ e integrante do Grupo de Pesquisa A.T.A.



"Todo capixaba tem um segredo de espuma,
uma conversa de duna,
um disse me disse.
Todo capixaba é chique.
Todo capixaba tem um pouco de beija-flor no bico,
uma panela de barro no peito,
uma orquídea no gesto,
um cafezinho no jeitão,
um trocadilho na brincadeira,
um congo no andar,
um jogo de cintura,
um chá de cidreira,
uma moqueca perfeita
e uma rede no olhar. [...]"

(O jeitão capixaba de ser, Elisa Lucinda)

35. O Mar e a Urbanidade

O mar é importante elemento natural e paisagístico no contexto das cidades litorâneas influenciando no processo de urbanização e ocupação e nas práticas socioterritoriais e culturais. São constituídas amplas relações entre o mar, as pessoas e a cidade.

A colagem ilustra como processo criativo e artístico as urbanidades em suas materialidades e imaterialidades que o mar proporciona no contexto da Baía de Vitória, Espírito Santo. O mar se faz presente na paisagem e nas práticas cotidianas dos habitantes.

Ele se espalha numa dinâmica rizomática compondo relações culturais, sociais e urbanas, espacialmente.

Ele pode não estar mais visível, ter sido controlado ou as práticas realizadas nele não ocorrem mais, mas deixam resquícios na paisagem e na memória urbana e o mar é importante elemento para se entender o processo de urbanização das cidades e a relação urbano X natureza. ■

Matheus Nogueira. Capixaba, 25 anos, arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais. O mar foi o seu objeto de análise no trabalho final de graduação tendo como recorte a Baía de Vitória, Espírito Santo, cenário do cotidiano do autor e assim sendo do seu interesse de pesquisa. O trabalho traz o contexto e o cenário comum do autor, como forma de entender de onde ele veio e como aquilo foi formado e forjado, quais as relações entre urbano/natureza/pessoas ali ocorridas; tendo ele incluído nesse processo.

36. Visadas & Vazios



Os registros fotográficos foram elaborados a partir dos atravessamentos no espaço urbano de São João del-Rei na pandemia.

A superposição e a coloração das fotos foram inspiradas, primeiramente, por uma releitura da Trilogia de Kieslowski, onde 'A Liberdade é Azul' (Trois couleurs: Bleu, 1993), 'A Igualdade é Branca' (Trois couleurs: Blanc, 1994) e 'A Fraternidade é Vermelha' (Trois couleurs: Rouge, 1994).

Na captação de imagens temos utilizado as câmeras da Nikon D-5000 e do Smartphone Samsung J8, os registros imagéticos abarcam tamanho e dimensões específicos desses dispositivos.

Na edição e elaboração do hibridismo das imagens foram utilizados filtros dos aplicativos Instagram, Photo Blend e Canva.

Adotou-se para apresentação o Canva com as dimensões de 27,9 cm x 21,6 cm (digital sem/impressão).

Buscou-se articular as imagens numa narrativa, que contemple olhares sobre o espaço urbano e o tempo, desvelando instantes e outras possibilidades para a paisagem urbana.

<https://www.instagram.com/mcristyna/>

Maria Cristina Alves Pereira. Com formação e atuação em Psicologia desde 2000. Especialista em Saúde Pública pela UFJF. Graduiu-se, também, em Arquitetura e Urbanismo pela UFSJ. Atualmente, está vinculada ao grupo de pesquisa A. T. A. e ao mestrado interdisciplinar do PIPAUS na UFSJ, onde realiza pesquisa sobre as transformações socioespaciais mediada pela fotografia. Atuou na gestão pública de saúde, no desenvolvimento urbano e no meio ambiente. Nos últimos tempos, vem organizando e elaborando os gestos fotográficos em torno da discussão psicossocial, da afetividade, da memória e dos espaços urbanos.

37. A Poluição Da Alma Selvagem

Realizada em ambientes degradados em São João Del Rei, MG.

Inspirado no conto La Llorona de Mulheres que correm com os lobos, de Clarissa Pinkola, são retratos do arquétipo da mulher selvagem que perdeu sua vida criativa.

Fez-se um paralelo entre o rio e a mulher.

O rio interno que corre dentro de todos é a fluidez da criatividade, o alimento para uma vida autêntica e suas inúmeras potencialidades.

Quando o rio interno é contaminado ou represado, a mulher perde a vitalidade, a beleza e a libido. Nossa vida criativa é afetada pelos ambientes que estamos inseridas? As degradações ambientais que permeiam os centros urbanos poderiam ser um reflexo das degradações internas que vivenciamos?

Clarissa afirma que 'um único ato de criação tem o potencial de alimentar um continente' então, faz-se necessário a auto-observação e autoconhecimento para o questionar: como anda a saúde do rio que corre em mim?

<https://www.instagram.com/nativa.projeto/>

Natalia Roberta Chagas Nogueira. Formada em Ciências Biológicas pela UFSJ em 2018. Idealizadora do Nativa, projeto fotográfico que visa registrar mulheres em busca de autoconhecimento, Natalia Chagas já fotografou aproximadamente 200 mulheres em São João Del Rei e região. Atualmente vem se especializando em fotografia para mulheres e fotografia terapêutica com fotografas e arte-terapeutas. Realizou em 2019 a exposição 'CRUA' no Bar Bartêlie. Em 2021 foi contemplada no edital da Assembléia Legislativa de Minas Gerais ao lado de outras 59 mulheres. É uma das fundadoras do Coletivo Estria, coletivo de fotografas de SJDR.



38. Dois minutos para a Meia-noite

O vídeo apresenta, em diversos pontos de vista, a escultura 'Dois minutos para a meia-noite', uma peça figurativa em cerâmica de alta temperatura, que materializa múltiplas narrativas contemporâneas sobre iminentes ameaças à nossa civilização.

A partir do manifesto do Boletim dos Cientistas Atômicos publicado em 2019, no qual o 'Relógio do Juízo Final' aparece pelo segundo ano consecutivo ajustado a dois minutos para a meia-noite, desenvolvi plasticamente as ameaças presentes no manifesto, como extinção, ameaça nuclear, emergência climática, crise de refugiados, incêndios florestais e guerras.

A escultura apresenta a forma geral de um cogumelo, como lembrança à ameaça nuclear, razão pela qual o boletim dos cientistas atômicos foi criado em 1947.

Hoje, em 2021, o relógio encontra-se ajustado em 100 segundos para a meia-noite.

<https://www.instagram.com/luciana.ceramica/>



Luciana Beatriz Chagas. Artista plástica, ceramista e professora. Possui doutorado e pós-doutorado em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), no curso de Artes Aplicadas com ênfase em cerâmica e no Pipaus. Em cerâmica, ensina criação de esmaltes, cores na cerâmica, queimas e processos criativos para o design do objeto cerâmico, tanto utilitário como decorativo. Em seu ateliê, aplica técnicas de modelagem figurativa, desenho, pintura, impressões e decalques cerâmicos para criar obras narrativas que versam sobre as mudanças climáticas, a extinção de espécies e outros desafios do Antropoceno.

39. Efêmera - O Retrato De Genius Loci



O projeto fotográfico nasce da vontade de traduzir um sentimento, um espírito, uma energia. O lugar escolhido para as fotografias fez parte das memórias de minha infância, um mergulho em minhas origens.

A 'ponte alta' era a representação fidedigna de um ambiente valorizado em meu consciente, cada pedra, cada gota d'água, cada árvore, cada ser que ali habitava tinha em si suas características únicas.

A natureza chama. Mas, o tempo passou, a memória é efêmera e seus signos também.

Ao revisitar este ambiente sinto que meu interior foi modificado, o acesso é mais turvo, porém Genius Loci (representado nas fotografias pelo modelo Douglas Almeida) permanece intacto.

EU como corpo visito. Imersão.

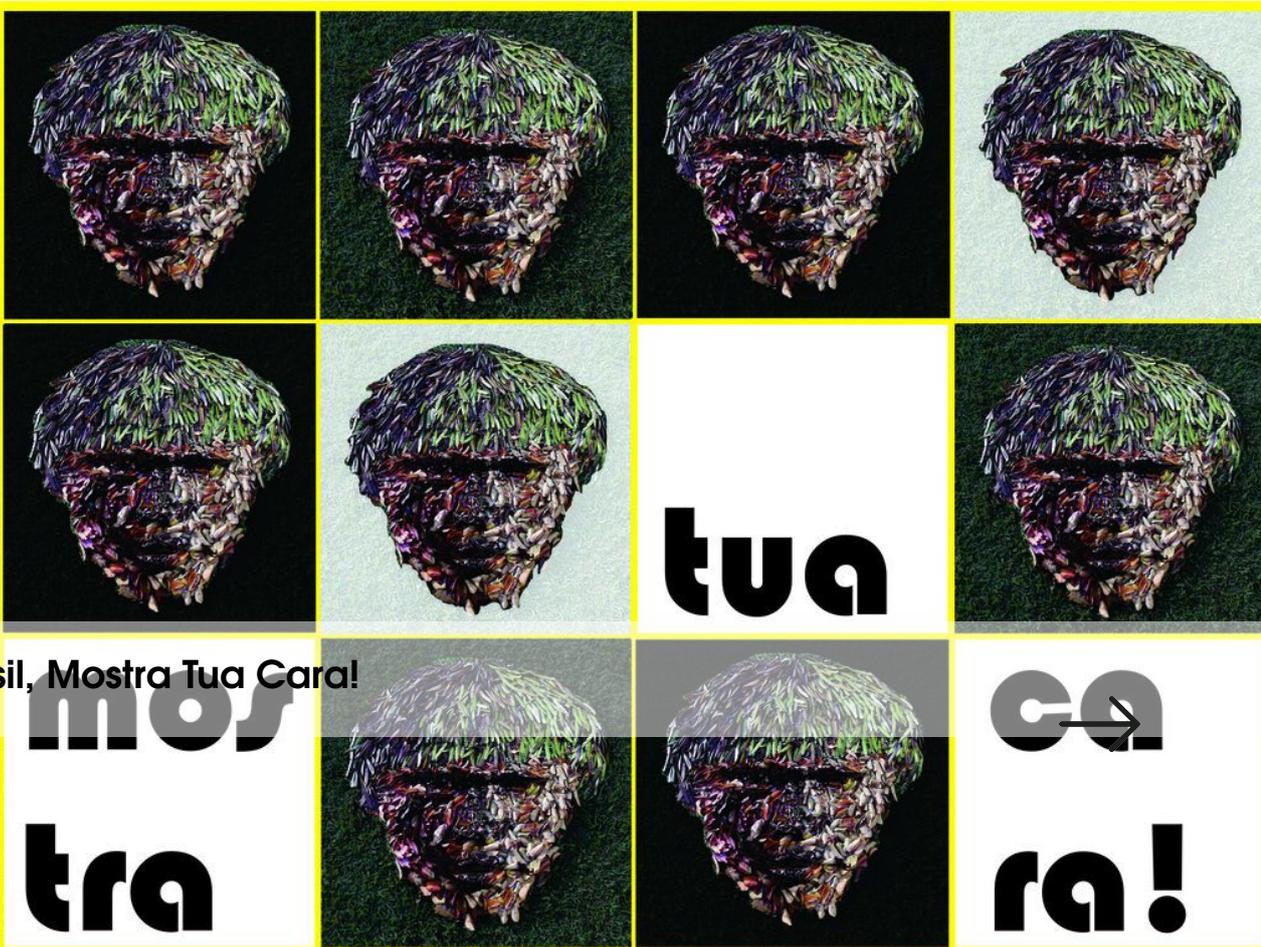
Me agarro e não posso soltar. De forma peculiar me sinto tentada a investigar o que o reflexo de suas águas pode me contar.

EU no presente, revisito o passado e busco respostas para o futuro.

<https://www.instagram.com/efemeraluz/>

Rafaella Anielly. Me chamo Rafaella Anielly, graduada em Arq. e Urbanismo e atriz profissional registrada junto ao SATED - Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos. Há 8 anos faço parte do Grupo Teatro Construção (GTC), que já completa 43 anos de existência. Participo ativamente da administração e de todas as produções artísticas. Participei de inúmeros festivais teatrais, fazendo intercâmbio com outros grupos e trazendo prêmios de: atriz coadjuvante; cenário; caracterização. Na graduação participei de extensões como Escritório Modelo de Arq. e Urbanismo, fui monitora dentro do curso de Arq. e Eng.. Atualmente proprietária/gestora do Escritório Urb. Arq. & Design, Atriz e Dir. Artística do GTC e criadora do Projeto Fotográfico Efêmera. Meus trabalhos sempre partem da premissa de envolver o teatro, a fotografia e as artes, já que minha vida se resume a tais vivências.

**BRA
SIL,**



40. Brasil, Mostra Tua Cara!

A obra assume as influências da tradicional arte sanjoanense de confecção dos tapetes de serragem e areia, durante os dias da Semana Santa, e dos trabalhos de reorganização e ressignificação de materiais de Vik Muniz.

Para tal concepção, realizada no ano de 2017, diferentemente da serragem e areia, foram utilizados resquícios da vegetação típica do Cerrado e Mata Atlântica.

O desenho, surgido pela organização de folhas, procura mostrar o rosto de um índio, com o olhar incisivo e semblante desalegre, fazendo referência às improbidades que a Serra do Lenheiro (local de inserção do trabalho) e as primeiras comunidades que ali viveram (povos indígenas) experienciaram no processo de colonização.

A figura é uma homenagem aos nossos ancestrais, tendo como título a emblemática frase do refrão da composição 'Brasil', de Cazuza, de 1987 - canção tida como um protesto aos escândalos políticos, desigualdades sociais e injustiças vivenciadas em nosso país. ■

Flávio Silvério. Arquiteto, urbanista e um professor apaixonado por todas as possibilidades de expressão por meio da arte, principalmente aquelas que procuram retratar questões políticas e de improbidades como um alerta ao mundo.

RES PIRO

41. RES PIRO



RES PIRO é uma Obra coletiva que nasce da auto filmagem do grupo Fios de Memória em aulas de dança por videoconferência, compõem um mosaico dançante no ciberespaço com mulheres de 55 anos para mais que reinventam e acolhem a dança. De sua casa criam um mundo dos possíveis, um mundo da sua potência criativa, um mundo de corpo autônomo.

Respirar para não pirar, mas também uma ideia de novamente se safar de um cotidiano de morte em meio ao isolamento forçado pela pandemia do covid no ano de 2020.

A partir de um estudo de mapeamento da casa e do corpo mediado pela professora Jéssica Felipe e edição de Bia Melo, elas experimentam um olhar delirante do espaço e das formas.

A música é gentilmente cedida por Micah, artista, cantora e compositora da zona oeste carioca.

<https://www.instagram.com/fiosdememoria/> ■



Fios de Memória. É um grupo de dança que surgiu das oficinas regulares na Arena Carioca Chacrinha em 2015. Formado por idosas de 55 anos até 86 anos, que reinventam e acolhem a dança como respiro. No vídeo de auto filmagem, elas experimentam um olhar delirante do espaço da casa e do corpo mapeado, compondo um mosaico dançante no ciberespaço. Música gentilmente cedida por Micah, artista, cantora e compositora da Zona Oeste carioca.



42. Intervenção artística e urbana Renda-se



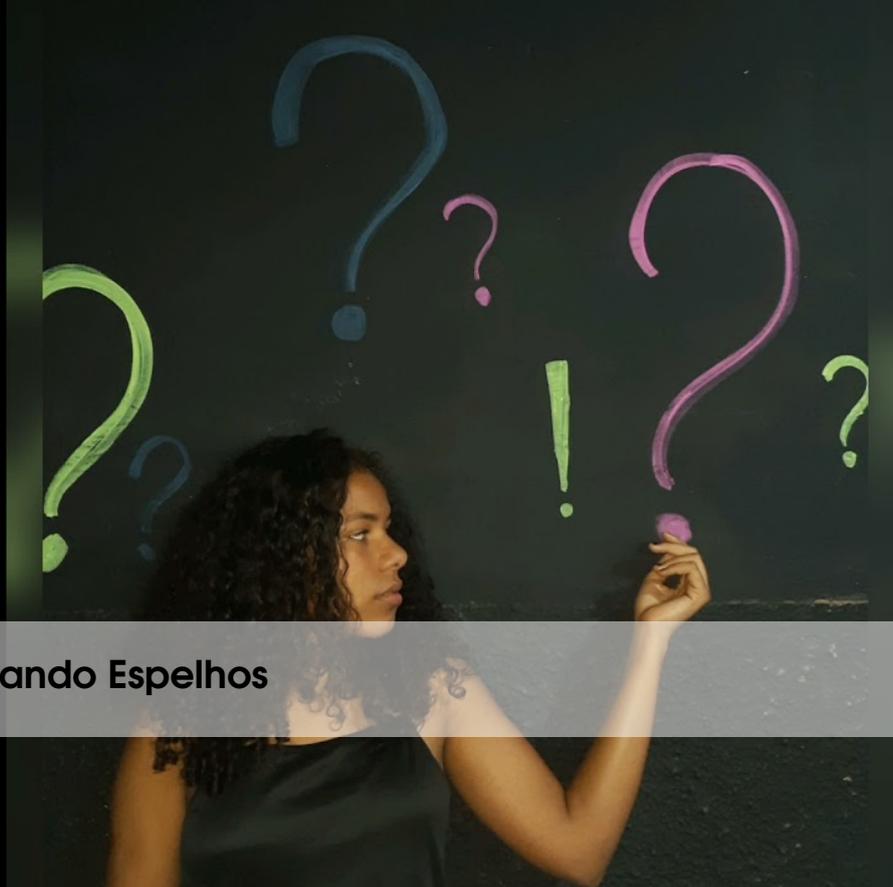
Vídeo final da intervenção artística e urbana Renda-se que aconteceu no patrimônio histórico Fortim dos Emboabas, em São João del-Rei, em dezembro de 2020. Intervenção realizada em co-criação dos pesquisadores Tássia Murad Abreu e Igino de Oliveira Silva Junior juntamente com os representantes da comunidade Alto das Mêrces, objetivando visibilidade e protagonismo para a comunidade.

Apresentamos a vestimenta-ação com o propósito de apropriação do espaço pela criação de ambientes interativos que possibilitam novos modos de diálogo e comunicação através da consciência reticular experimentada e as tecnologias criativas desenvolvidas como o tear de renda têxtil e digital que materializou a vestimenta para aquele espaço.

<https://youtu.be/RvLKmdsQRGs>



Coletivo Renda-se. Coletivo Renda-se - coletivo formado pelos pesquisadores Tássia (estilista, arte educadora) e Igino (arquiteto, artista digital) e representantes da comunidade Alto das Mercês (SJDR) - Michelle, Elisa, Edir, Ticiane, Carolina, Lúcia, Kiko, Daniela. Coletivo foi criado com o objetivo em comum de dar visibilidade ao bairro Alto das Mercês e protagonismo para as pessoas que ali moram, através da arte têxtil e digital. A criação do coletivo nos permitiu mostrar o nosso trabalho dentro do próprio bairro, em rodas de conversas, participações acadêmicas e exposições artísticas, tais como: Intervenções urbanas no bairro (encontros semanais e apresentações do trabalho na Rua do Ouro, no Alto da Serra e no Fortim dos Emboabas, SJDR), ARTECH 2021 (Aveiros, Portugal), 15ª Primavera dos Museus 2021 (IBRAM), 'É trabalho de mulher' (Galeria Adro, SJDR), oficina criativa 'Renda-se' (IV Mostra Vestígios 2019, Solar da Baronesa, SJDR).



43. Revirando Espelhos



Revirando Espelhos: A arte como fonte reveladora dos vários atores do campo escolar

Vídeo construído a partir de experiências no campo das artes visuais, que questionam os modelos eurocêtricos tidos como referência de ensino para nossos estudantes.

Esse modelo de aprendizagem nem sempre ou nunca valoriza as singularidades e as juventudes, muito menos os estudantes oriundos de comunidades quilombolas e indígenas.

Revirar os espelhos é portanto uma forma de poder ver 'por trás' do que nos é apresentado através das imagens, enxergar as marcas, cartografar as memórias e experimentar novas 'texturas'.

As imagens apresentadas são de autoria própria e foram feitas com a utilização de máquina fotográfica. Os conceitos utilizados como base para esse trabalho versam sobre a etnografia e a cartografia de memórias. ■



Vânia Pereira. Natural da cidade de Jacobina-Ba, professora do Ensino Básico concursada pelo Estado da Bahia; graduada em Letras c/ Inglês pela Universidade Estadual da Bahia - UNEB e em Arte Visuais pela Universidade Federal de Goiás - UFG; Pós-Graduada em Literatura pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS; Mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pelo Programa de Pós-graduação interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade - PIPAUS.

44. Corpo-território Pandêmico



Este vídeo faz parte de meu processo em autonarrativa para o projeto de pesquisa no mestrado em Linguagens, Mídia e Artes pela PUC-Campinas com bolsa CAPES modalidade I.

No projeto intitulado atualmente como IDENTIDADES [DES][RE]TERRITORIALIZADAS: HETEROTOPIAS PANDÊMICAS, realizo perambulações por territórios virtuais, com fim de analisar questões de identidades de pessoas em dissidência da heteronormatividade, através de produções artísticas em relação ao conceito de [des][re]territorialização na cultura contemporânea, durante o período de pandemia por Covid-19, para responder à questão: Como a pandemia transforma os processos de [des][re]territorialização da população LGBTQIA+? Com enfoque regional numa cidade heterotópica do interior paulista, Americana/SP.

A realização do vídeo em parceria de Gunar Oliveira, vem deste processo de autonarrativa baseado no projeto, porém com o intuito de inscrição no edital da Lei Aldir Blanc 2021 pela prefeitura de Americana. ■



Lari. Graduada em Imagem e Som pela UFSCar (2019), aspirante a Produtora Cultural, bissexual e jovem-mãe, é bolsista pela PUC-Campinas, cursando o segundo semestre do Mestrado em Linguagens, Mídia e Artes.



45. Vale Nada

O projeto de Fotografia que recebe o título 'Vale Nada', foi desenvolvido durante um trabalho de campo nas cidades de Paracatu - MG e Bento Rodrigues - MG após o rompimento da barragem em 2016, promovido pelo curso de graduação Geografia Bacharel - UFSJ.

Através das imagens apresentadas, podemos observar que o presente trabalho, tem como objetivo evidenciar as problemáticas que se desenvolvem como consequência à exploração massiva e não sustentável dos recursos naturais e sociais que o sistema capitalista impõe cada vez mais.

<https://www.instagram.com/dasruas96/> ■

Camila Ruas de Paula. Me chamo Camila Ruas, nasci em 1996 na cidade de Governador Valadares e desde o ano de 2010 me descobri apaixonada pela fotografia através do trabalho do Sebastião Salgado. E apenas no ano de 2014 que tive a oportunidade de desenvolver projetos fotográficos com o objetivo de retratar as relações socioespaciais que se desenvolvem em nosso território.

persigo um caminhão pixado de saudade
ele percorre uma cidade que imagino mais não ser

o senhor de noventa anos que pedala sua bicicleta
a sorveteria que só faz promoção quando tem sol

a professora que carrega livros em uma caixa de papelão
a cachorra no passeio que não chama doralice nem conceição



46. Cartografia Imaginária Da Cidade-Saudade

avenida alagada
névoa na estrada
rua de pedra
rua de mágoa
outra bicicleta corta a rua

passa o bloco de carnaval sem instrumentos
som de rádio
sinos
foguetes

mais um prédio se ergue
mais um flamenguista apaixonado pelo zico
leite de castro com sorvete e café

sai de janela abata
cheiro de comida na escada
o jogo do bicho na escada

um jardim tímido que avisa a rua
aquela do piso de ipanema
que empoça na chuva da primavera

ei são joão
teus túneis escondidos
do pó que rasga o ar
como ponte no céu

em março as avenidas afogam no marron do passado

o sino dobra na minha cabeça
enquanto maria solta fumaça
na praça

o cinza dos ferros encerra janelas
assim como as férias encerram períodos
e uma noite largada de quinta
e atravessa a cachoeira

já não vejo o caminhão
marcado de saudade
de quase tudo aquilo
que estava para ser

uma cachoeira nem tão grande assim



CASTELMANA

Neste trabalho, experimentamos o ato de cartografar em aliança com o pensamento de Suely Rolnik, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Elaboramos uma paisagem psicossocial de um território que nos escapa às mãos na tentativa de capturá-lo.

Traços delineados por afetos e tropeços constroem, reconstroem e destroem simultaneamente espaço e tempo da cidade-saudade de São João del-Rei.

A partir daquilo que encontramos, cenas rememoradas e inventadas acompanham e desenharam nosso movimento pela paisagem — do menos ao mais visível. No processo de escrita da cidade-saudade, a busca pela cidade-verdade não faz sentido algum. Assim, se faz como território subjetivo, território poético..

<https://instagram.com/saudadenacidade>

coletivo-república-imaginária. Sempre existiu e nunca existiu. desde fora e São João del-Rei. frederico e lucas e róbson. Três estudantes de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei que moraram juntos e inventam moda.

MV

Galeria Quatro

47	TREM DE FERRO	56
48	Confidências Da Paisagem - Narrativas Em Terra E Ouro	57
49	Áreas Úmidas	58
50	Percepções & Memória	59
51	Somos Natureza	60
52	Vestígios De Uma Poética Em Ruínas	61
53	Remédios Distópicos	62
54	Sopro	63
55	Bem me quer, bem me quer	64
56	Sopro	65
57	Cadeira para quem?	66
58	Telefone sem fio	67
59	Olhar do Futuro	68
60	#pedalanaavenida: fragmentos de uma narrativa	69
61	Costura De Temporalidades: De Marias Filipas À Marielles Francos	70
62	A construção dos espaços pós pandemia	71



47. TREM DE FERRO



O vídeo Trem de Ferro, 2'40'', de 2016, é fruto da minha pesquisa de doutorado e apresenta a montagem em sequência de várias imagens fotográficas que realizei das paisagens minerárias do Quadrilátero Ferrífero de MG. Imagens agentes, importantes para a pesquisa teórica e artística da pesquisa.

O vídeo se coloca como representação do deslocamento da paisagem, que sobre trilhos, vai chegar ao porto depois atravessar os oceanos. Nas imagens das paisagens arruinadas o registro da herança deixada para trás. ■



Bruno Amarante. Professor do Curso de Artes Aplicadas da UFSJ. Doutor, Mestre e Bacharel em artes pela Escola de Belas Artes da UFMG. Artista plástico/ceramista, tem como elementos de pesquisa o território, o humano, o tempo e a memória, trabalhando em suportes como a cerâmica, o ferro, a terra, fotografia, vídeo e a música. Tem em seu currículo exposições individuais, coletivas e salões de arte. É baterista e integrante da banda SAGUARIOS.

48. Confidências Da Paisagem - Narrativas Em Terra E Ouro



Esta pesquisa em artes explora plasticamente as associações entre espaço e memória que estão dadas na paisagem cultural da secular cidade de São João del Rei.

As pinturas executadas com pigmentos minerais e terras extraídas da própria paisagem são os elementos escolhidos para materializar esta proposta que representa uma parte da produção realizada durante o pós-doutorado desenvolvido junto ao Instituto de Artes da Unesp.

Nosso foco principal são as betas, antigas minas de ouro do Alto das Mercês com suas paredes rochosas, vertiginosas e impregnadas de suor e sangue, representando simbolicamente a alma do lugar em que reinam as contradições entre o sacro e o profano, entre a memória e o esquecimento. As sementes também são abordadas nessa pesquisa como elementos fundadores, divinas em sua essência, e representadas com o contraste brilho / opaco que os materiais lhe conferem. ■

Zandra Miranda.



49. Áreas Úmidas

As cinco pinturas fazem parte de uma pesquisa artística acerca das áreas úmidas, ecossistemas artificiais e naturais de transição ou conexão entre áreas terrestres e aquáticas. Esses ambientes, pela condição intermitente, oferecem um campo amplo para a pesquisa da condição de migrante e seu olhar construído de subjetividades. Nesse processo, retrata-se vestígios da ação do tempo, como a passagem de um curso d'água e a configuração espacial após a ação humana a partir do conceito de paisagem enquanto construção cultural.

<http://instagram.com/raphaelmorone> ■

Raphael Morone. Raphael Morone é artista visual e escritor desde 2008 e atua entre o desenho e a pintura, a palavra e o poema. É formado em Design Gráfico pela São Judas Unimonte (2008) e Licenciatura em Artes Visuais pela Escola de Design da UEMG (2018). Em sua condição de migrante, pesquisa os vestígios da presença humana e a materialidade e a temporalidade das coisas na paisagem. No momento, realiza uma pesquisa artística sobre as áreas úmidas do cerrado mineiro e cuida dos últimos detalhes para o lançamento de seu primeiro livro, *Pãozin de Cará: entre o porto e as montanhas*. Vive e trabalha em trânsito entre a morada atual, Belo Horizonte, e Santos, sua terra natal.



50. Percepções & Memória

Fotografia Híbrida – Técnica de foto-colagem e desconstrução.
Este trabalho foi inspirado na pesquisa de mestrado 'Percepções sobre a paisagem urbana de Cons. Lafaiete: diferentes olhares sobre a mesma cena', e desenvolvida na oficina de fotografia da Prof^a Lilian Barbon (2021).

O exercício consiste em desfigurar uma imagem como expressão artística, em forma de um manifesto sócio-político-cultural, que traga ressignificado aos elementos.

E, neste sentido, as imagens escolhidas, exemplares do patrimônio da cidade em estudo, são ícones de uma análise urbanística paradoxal: de um lado são entendidas como construções históricas, passíveis de preservação, mas, por outro, são tidas como obstáculos para o desenvolvimento econômico.

Ao se 'rasgar' a imagem e desvelar o seu interior, pretende-se provocar uma pergunta aos moradores: o que vocês estão vendo?

É certo que não haverá consenso.

O intuito nesta exposição é refletir, entre os múltiplos olhares, o passado, presente e o futuro através destas imagens. ■

Maurinéia Ferreira. Mestranda no programa PIPAUS/UFSJ, arquiteta e urbanista pela UFOP (2017) e turismóloga pela FASAR (2006); promotora de eventos culturais pela Comunidade Projeto Vida (2004-2016) e assist. administrativa lotada na Proex/UFSJ.

SOMOS NATUREZA

51. Somos Natureza

A concepção da coletividade apenas constituída por humanos encontra-se desfocada do novo tempo.

O atual cenário evidenciou para nós que vários outros elementos pertencentes ao planeta influenciam diretamente em toda rede e são capazes de mudar ambientes e hábitos em pouco tempo.

Será que somos realmente o centro e o poder dos acontecimentos?

Somos algo diferente de natureza?

Este é um convite para refletir sobre a transformação ecológica em nosso tempo e mexer com a sua percepção. ■

Wanessa Bittar. Mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pelo PIPAUS-UFSJ; Graduada em Educação Artística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e técnica em Design pelo Colégio Técnico Universitário (CTU). Foi idealizadora e membro fundadora da Empresa Júnior ASPECTO - IAD/UFJF e participou de diferentes projetos através da Incubadora de Cooperativas Populares da UFJF. Em 2013, realizou a curadoria do evento Todos Somos Poetas - Uma homenagem ao Centenário de Vinicius de Moraes através de Poesia, Música e Moda em parceria com a marca de moda Entrenós Crochês e com o espaço cultural Estação Palco em Juiz de Fora. Em 2012, teve projeto finalista e publicado no catálogo do 3o. Prêmio Sebrae Minas Design, com participação na Bienal Brasileira de Design e no Espaço Design da Feira do Empreendedor em Belo Horizonte. Além de ter sido idealizadora e realizadora do Encontro de Empreendedorismo Sustentável de Juiz de Fora e também do Encontro de Economia Criativa de Juiz de Fora. Possui projetos experimentais como: o programa Cidadania Sustentável em parceria com o canal Vai Ali que possui a finalidade de colaborar com a transição para uma sociedade que valoriza a regeneração do nosso meio ambiente através da informação.

52. Vestígios De Uma Poética Em Ruínas



Todo espaço guarda uma memória.

Quando são observadas as ruínas, há uma visão também sobre a vida e as formas de ocupação de tais espaços. De toda ocupação, sempre fica uma marca, um traço e uma estética, do que foi e do que se tornará.

A natureza em contraste com as ruínas, devolve a vida, se desenvolve compondo uma paisagem pitoresca. A natureza ressignifica tudo a sua volta.

O trabalho fotográfico foi desenvolvido a partir do Preto & Branco, justamente para promover uma reflexão sobre a necessidade de ressignificação dos espaços e do equilíbrio, uma palavra potente, poética e nem sempre valorizada. Talvez, a arte seja o caminho.

https://www.instagram.com/thais.andressa_art/?hl=pt-br

Thais Andressa. Jornalista, fotógrafa e pesquisadora. Segue a linha da Fotografia Urbana, Fotografia de Natureza e Fotojornalismo, além das reflexões poéticas.



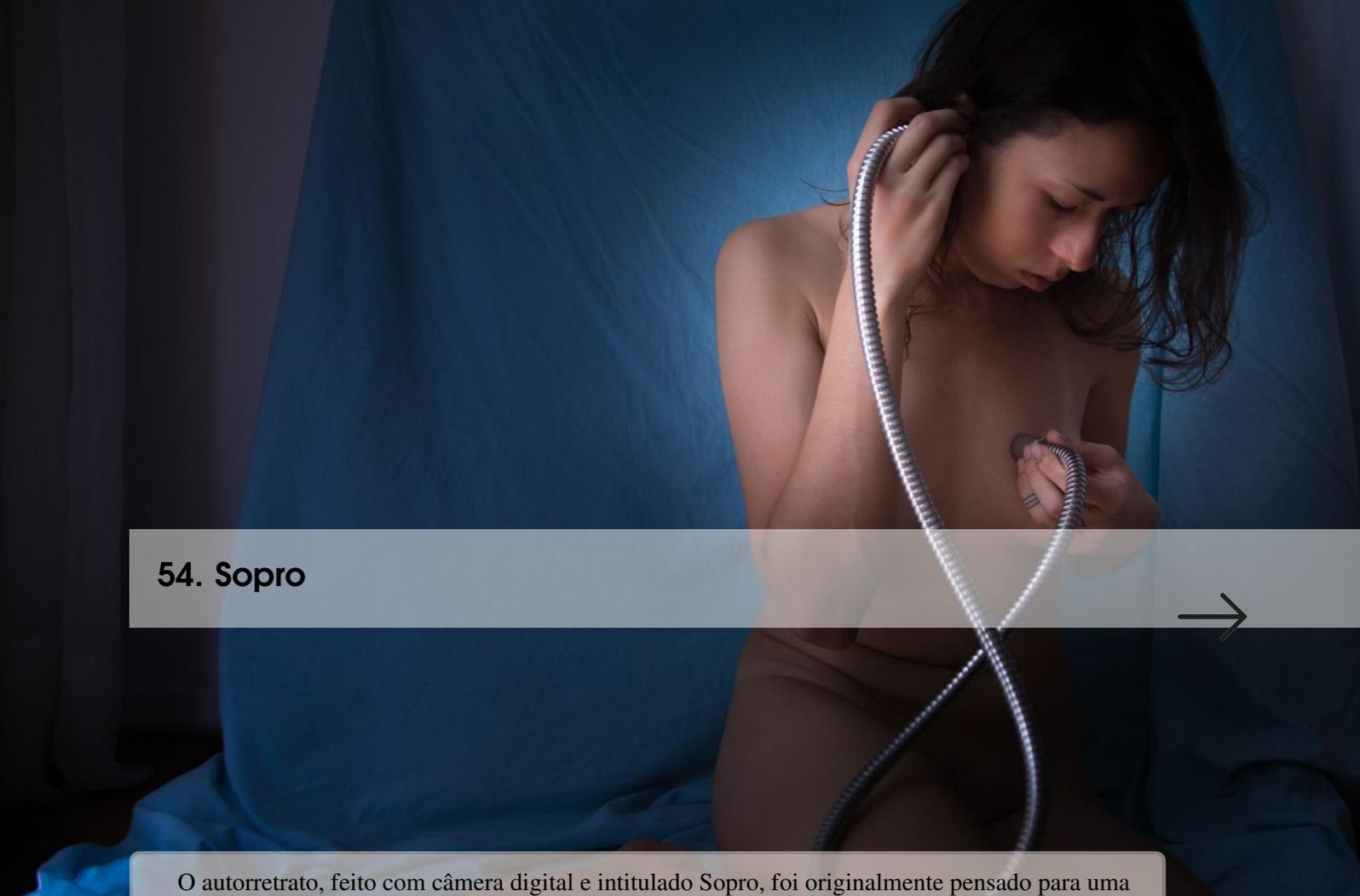
REGULE SUA PRÓPRIA TEMPERATURA DE FORMA INSTANTÂNEA

53. Remédios Distópicos

Cinco propagandas de remédios distópicos são apresentadas com o objetivo de explorar o conceito de comodificação da natureza.

A proposta tem como pressuposto o contexto pandêmico atual causado pela covid-19 e a busca de soluções fáceis para problemas complexos. ■

Bruno Pires. Formado em relações internacionais pela PUC-Rio em 2017, foi coordenador do grupo de voluntários do Greenpeace Brasil no Rio de Janeiro (2015-2017). Estagiou no evento Mostra PUC (2014-2017) e no departamento de análise de conteúdo para os canais Multishow, OFF, BIS, SPORTV e GNT na Globosat (2016-2017). Atuou como assistente de produção na editora OrganoGramma (2018), nos eventos Casa do Autor Roteirista (2019), Fórum do Amanhã (2018-2021) e Instituto Vertentes (2019-2021). Atualmente é mestrando no Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade na Universidade Federal de São João Del Rei.



54. Sopro



O autorretrato, feito com câmera digital e intitulado Sopro, foi originalmente pensado para uma exposição sobre musicalidade. Porém, por ser um autorretrato no qual apareço nua, foi recusado. Desde então, este trabalho tem estado guardado, esperando a oportunidade certa de ser apresentado. Quando era bem pequena, lembro de precisar fazer alguns exames no coração. Existia ali uma espécie de espaço vazio, algo que até hoje não sei explicar. Com o tempo, esse espaço naturalmente se fechou. Não foi preciso cirurgia nem remédio - apenas o tempo. Hoje entendo que esse espaço era um sopro de música para a alma; algo que eu, e somente eu, poderia escutar. Então me conecto com esse som... E deixo-o fazer parte de mim. <https://marinanimam.tumblr.com/> ■

aniram. Ana Marina ou aniram é fotógrafa e artista visual. Atua como fotógrafa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando há 3 anos na Coordenadoria de Comunicação Social (Coordcom). Desde 2015 expõe suas obras em espaços culturais e galerias em cidades como Juiz de Fora (MG), São Paulo (SP) e Montevideo (UY).



55. Bem me quer, bem me quer

O multi artista Cleiton Gós criou o Palhacin Muquifentu neste período pandêmico como forma de extravasar as angústias e tristezas, além da ansiedade causada pelo isolamento social imposto pelo covid-19 nos últimos dois anos. Neste vídeo realçamos o trabalho do ator que se traveste em palhaço e transforma-se em mediador cultural, contando as histórias por trás dos objetos do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos - Muquifu, e junto ao Muquifoca, o museu no carrinho de pipoca leva a uma explosão de pipocas e memórias. ■

Augusto de Paula. José Augusto de Paula Pinto, graduação em Museologia pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM, nos anos de 2010 a 2014; um dos coordenadores do Muquifu, Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, desde o ano de 2013. Criador do Muquifoca, o Muquifu no carrinho de pipoca, a partir dos conceitos da Museologia Social, em especial a Museologia do Afeto. Pesquisas sempre direcionadas ao estudo da teoria da Museologia, com ênfase para os estudos a partir dos anos 1960 aos dias atuais. Curadoria das Exposições 'Pedro Pedreiro, tijolo com tijolo em um desenho lógico' e 'Na fé da resistência, no Aché do nosso canto', junto com as museólogas Luciana Campos Horta e Dalva Pereira. Ambas as exposições de longa duração no Muquifu. Desde janeiro de 2021 mestrando no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidade e Sustentabilidade – PIPAUS, da Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. Membro do GTRANS, Grupo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes e Sustentabilidade.



56. Sopro

Videoperformance em que cubro meu corpo com a poeira de uma estrada e busco lugar junto à vegetação que a margeia, também coberta pela poeira da mesma.

Ação realizada em São João del Rei, com duração de uma hora, registrada em vídeo digital, sendo este um recorte de 6 minutos e trinta e cinco segundos.

Agarrei-me à terra da estrada, joguei-a sobre meu corpo, deixei que caísse sobre mim, esfreguei-a para que permanecesse. Pintado de ocre, caminhei para junto daquele pedaço de mato que resistia entre a estrada e a cerca.

Espaço entre, dois domínios humanos, o dito público e o dito privado.

Esgueirei-me entre galhos buscando um lugar comum, um lugar onde estar, onde ser.

Neste trabalho, invisto meu corpo sobre a natureza, buscando propor um olhar possível sobre esse possível lugar.

De presença, de pertença.

E para talvez dizer: 'memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris'.



Bruno Schuch. Artista visual com poética em foto e vídeo performance, voltada para questões de corpo e paisagem. Bacharel em artes visuais pela Universidade Federal de Pelotas, 2019; bacharelado em Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica pela Universidade Federal de São João del Rei, desde 2020. Em seus trabalhos busca propor diferentes olhares sobre possíveis relações entre o ser humano e a natureza, tendo como temas atravessadores as noções de fragilidade e impermanência.



57. Cadeira para quem?

LUGAR DA PACIÊNCIA
PONTO DE ÔNIBUS | SÃO JOÃO DEL REI | MG

Produzimos objetos, consumimos objetos, nos definimos a partir daqueles que usamos e também dos que deixamos de usar.

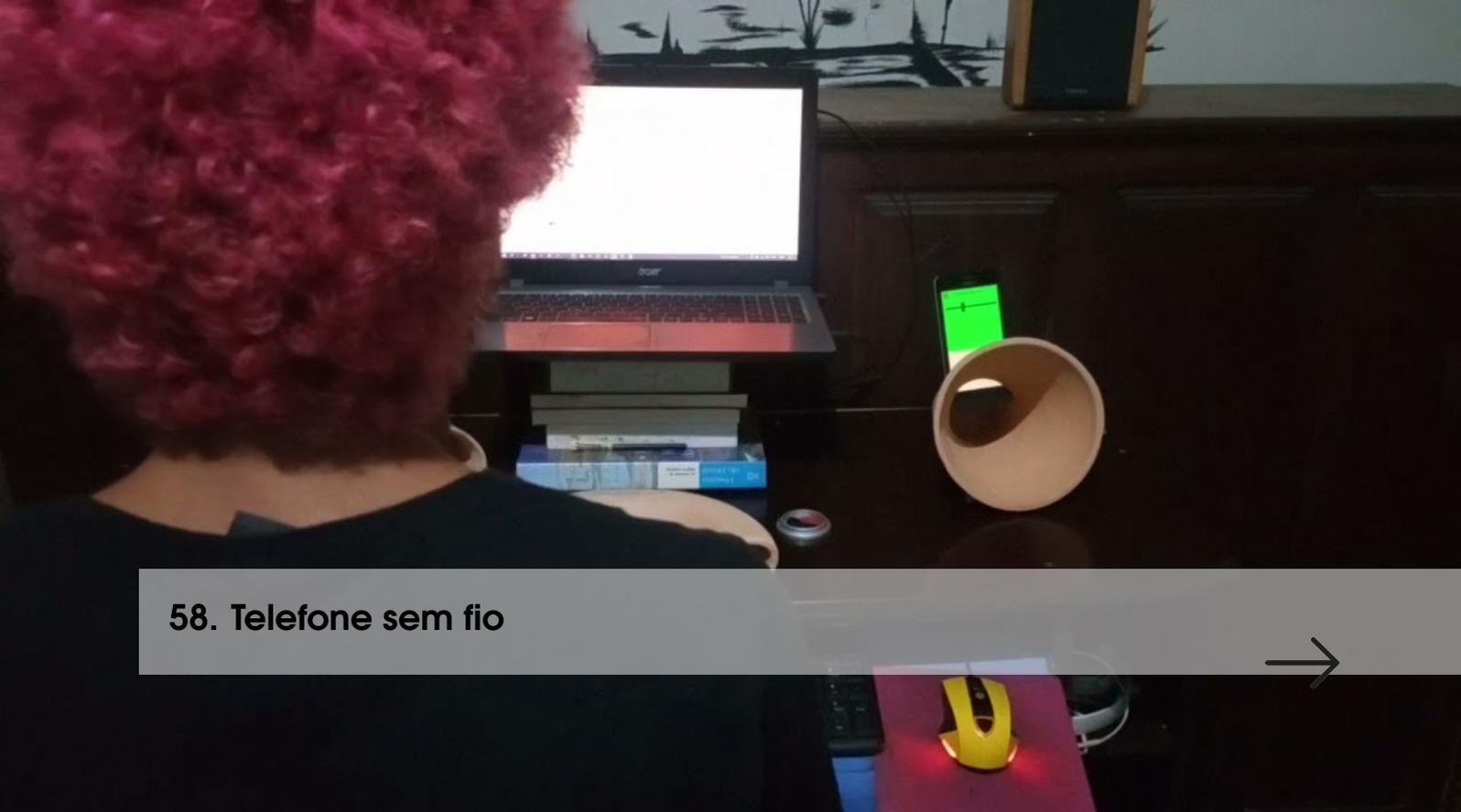
Objetos são históricos culturais, mudam suas características e funções de acordo com o momento, a situação, o lugar.

As cadeiras, hoje em dia, devido à pandemia e ao trabalho em casa, o chamado home-office, têm tido um lugar de destaque nas residências.

O que antes era considerado apenas um objeto para se sentar à mesa na hora das refeições, se tornou algo importante, uma vez que as pessoas passam horas sentadas na mesma posição, sendo assim, é desejado um lugar confortável e ergonômico.

Porém esta pode ser mais uma cilada dos objetivos de uma sociedade pautada nas desigualdades sociais, no capital e no poder, não vivem a realidade e passam a viver sentados numa cadeira manipulados por uma realidade virtual. ■

Dayana Vieira de Rezende. Formada em Artes Plásticas pela Universidade Braz Cubas, especialização em Mídias na Educação pela UFSJ, mestrando do PIPAUS e professora de Artes efetiva dos Municípios de Carandaí e Conselheiro Lafaiete. Ana Paula Garcia; Paulo Jarbas Cardoso da Silva; Lucivânia Pereira da Silva; Camila Carla de Meneses Silva; Keithy Hellen Pereira; Marcos Luan Cosme Barbosa



58. Telefone sem fio



Pensando nos fenômenos das comunicações em massa e nos efeitos que a reprodução de uma mensagem pode criar, apresentamos aqui o trabalho chamado Telefone sem fio, uma composição para celulares em rede que utilizam o ambiente para criar camadas sonoras.

Os telefones ainda utilizam suas telas, lanternas e vibracall para auxiliar o público a compreender a comunicação nos dias atuais.

A peça conta ainda com um conjunto de amplificadores acústicos feitos em cerâmica que servem para amplificar as vozes dos celulares e nos ajudam a compor a cenografia desta apresentação. ■



ALICE. O ALICE (Arts Lab in Interfaces, Computers, and Everything Else) é um laboratório de pesquisa localizado no Departamento de Computação da Universidade Federal de São João del-Rei. Trata-se de um espaço que abriga pesquisadores de diferentes campos, promovendo interdisciplinaridade, diálogo e cooperação entre arte e tecnologia. É composto por 20 alunos de graduação e de mestrado de diferentes cursos como Ciência da Computação, Música, Artes Aplicadas e Artes, Urbanidades e Sustentabilidade. Carlos Eduardo Oliveira de Souza; Flávio Luiz Schiavoni; Rafael Alves Soares de Andrade; Jônatas Araújo da Silva



59. Olhar do Futuro

Para a produção das colagens foram utilizadas imagens retiradas do Google representando o design do futuro.

<https://www.youtube.com/watch?v=6BnAUrqcCQA>



Suzileide Rodrigues de Mello, Laísa Macedo Brandão, Solange Resende Vieira, Aline Mara Figueiredo, Lizandra Regina Campisse Romano e Elizabete Pazeto..

#pedalanaavenida

fragmentos de uma narrativa

60. #pedalanaavenida: fragmentos de uma narrativa



CAMILA NOLASCO - LETÍCIA LARA - MARIANA PEREIRA

Este vídeo foi uma produção audiovisual experimental que buscou discutir questões relacionadas à mobilidade urbana e escala humana, tendo como referência o trabalho desenvolvido na disciplina 'Arte, Cidade e Política', ministrada pela professora Adriana Nascimento, como parte do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, no ano de 2020, sendo composto de uma narrativa textual e uma intervenção digital. Na narrativa textual, as temáticas foram discutidas por meio da criação de uma reportagem fictícia, e, posteriormente, na intervenção digital por meio de um breve experimento social. Ambos foram inspirados pelo evento real 'Bike na Leite', realizado pelo curso de Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de São João del-Rei), em 2015. Dessa forma, a proposta para o vídeo foi da criação de uma narrativa audiovisual das experimentações realizadas, trazendo imagens e textos utilizados originalmente nos trabalhos, bem como novos materiais que complementam a narrativa pretendida pelas autoras. ■



Camila Nolasco dos Passos, Letícia Lara do Carmo; Mariana Silva Pereira. Camila Nolasco dos Passos (27), Letícia Lara do Carmo (25) e Mariana Silva Pereira (26), de Minas Gerais, graduadas em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e, atualmente, mestrandas do Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), se unem pela afinidade e pelo interesse em temáticas convergentes para desenvolver pesquisas e trabalhos artísticos que atravessam os campos da arquitetura, urbanismo, artes e produção audiovisual.



61. Costura De Temporalidades: De Marias Filipas À Marielles Francos →

O projeto visa a construção, através de trabalhos realizados na área de artes visuais, de uma reflexão que procure compreender como a mulher negra é vista na sociedade brasileira atual e o modo pelo qual as marcas lançadas pelo período escravista sobre esta população reverberam, criam e perpetuam locais simbólicos e sociais ainda hoje. Esta questão foi abordada tendo por base a investigação em poéticas visuais e a busca por meios plásticos adequados para a produção destas obras feitas a partir de encontros com mulheres negras pertencentes ao coletivo do feminismo negro Dandara em São João del-Rei/ MG e suas adaptações aos atravessamentos do grupo.

O resultado dessas investigações e de suas representações foi realizado por intermédio da linguagem audiovisual e culminou na exibição, circulação e difusão das problemáticas apontadas em território virtual criado com este fim.

<https://afrotopias.wixsite.com/website> ■

Fernanda Nascimento Corghi; Bárbara Quintino; Gabriela Souza dos Santos; Maria Tereza Conceição de Souza Matheus. Bárbara Quintino é ilustradora, graduanda de arquitetura e urbanismo (UFSJ). Participou do projeto aqui exposto como ilustradora e ativista na perspectiva decolonial e afrofuturista. Ajudou a construir o coletivo feminista preto Dandara em SJDR

62. A construção dos espaços pós pandemia



Os trabalhos foram feitos na disciplina de OFICINA II, tinham como plano de fundo um mundo que viveria constantemente em pandemia.

A colagem Presa em um universo de possibilidades foi criada para expressar um sentimento meu com a pandemia, me via presa porém conectada com todos, um sentimento ambíguo.

Naquela época ainda estava entendendo como iríamos nos adaptar às novas relações interpessoais por meio das redes.

O vídeo Maquete Processual buscou mostrar como a abertura de paredes e janelas interferiria no espaço e em quem/o que ali estivesse.

Com a pandemia passamos a vivenciar mais os espaços da nossa casa e tudo o que a habita. E novas relações com os espaços foram criadas.

A colagem Alegoria da Caverna pós COVID 19 faz uma alusão à alegoria da caverna de platão.

Buscando também questionar a teoria do conhecimento, linguagem, educação e sobre um estado hipotético nos tempos atuais. ■

Flavia Freitas. Sou Flávia, Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFSJ. Atualmente sou bolsista no projeto de criação artística Estudantes Mães Resistem e mãe do Luiz de 3 anos. Militante por um mundo inclusivo e universal. Já cursei zootecnia por 3 anos, entretanto não concluí a graduação, durante este período fui assessora de Marketing na Empresa Júnior Agrobio.



Galeria Cinco

63	Corpos Descartáveis	74
64	É pra guardar ou pra jogar fora?: lixo, memória e trajeto	75
65	PARANGOLIXO	76
66	Capitalixo: O lixo e suas texturas e narrativas	77
67	Eterno Desastre - Etérea Desarte	78
68	SONORIDADES	79

CORPOS DESCARTÁVEIS

63. Corpos Descartáveis

Questionamos, com este trabalho de fotoperformance, a banalização da vida no mundo corporativo, que considera a economia mais importante que o ser humano, de modo que este só é “útil” quando está produzindo.

E, ainda que esteja produzindo e consumindo, é considerado somente mais um número, que pode facilmente ser substituído e descartado. A ideia de que o mundo corporativo não pode parar, faz com que tudo e todos sejam tratados como descartáveis.

Além disso, nossos governantes fazem uma necropolítica que corrobora para a desigualdade social e a especulação do capitalismo. Jogar os corpos no lixo, faz parte de um entendimento para este trabalho, no qual, gera um manifesto de como a sociedade é tratada, como um material qualquer, jogado a céu aberto, por desuso e descaso.

São indivíduos representando a sujidade do mundo, que são excretados, deteriorados e esquecidos, sabendo-se que outras situações como esta acontecerão sempre, tornando-se um lixo sem fim.

<https://www.canva.com/design/DAEvQYUCvmk/1Kh7JJoqBPfUDQYbsb94cQ/view> ■

Aline Figueiredo; Erizete Giarola; Gabriela Moreira; Juliana Carvalho; Keithy Hellen; Maurinéia Nascimento.

64. É pra guardar ou pra jogar fora?: lixo, memória e trajeto

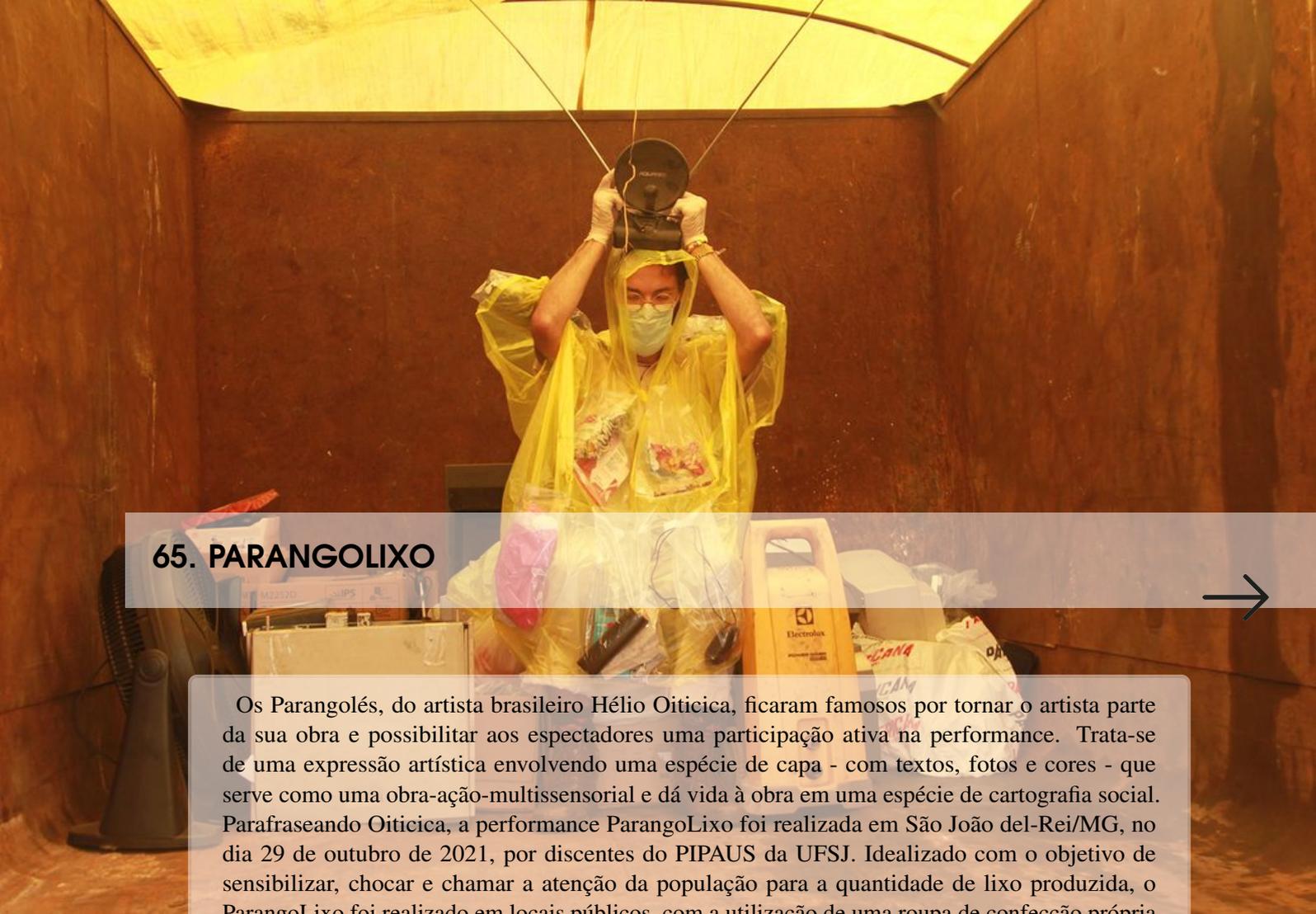


Seis participantes partilham memórias através de fotografias enviadas em cartas para diferentes cidades.

Todas essas imagens têm um ponto em comum: são registros de objetos que poderiam ser considerados lixo, mas graças a sua história, memória e simbologia, ocupam um lugar de afeto.

@cleissonjf

Cleisson José Dias da Silva; Débora Ester Leandro; Jacqueline Bittencourt; Rebeca Lima; Solange Resende Vieira; Tereza Raquel R. Frazão.



65. PARANGOLIXO

Os Parangolés, do artista brasileiro Hélio Oiticica, ficaram famosos por tornar o artista parte da sua obra e possibilitar aos espectadores uma participação ativa na performance. Trata-se de uma expressão artística envolvendo uma espécie de capa - com textos, fotos e cores - que serve como uma obra-ação-multissensorial e dá vida à obra em uma espécie de cartografia social. Parafraseando Oiticica, a performance ParangoLixo foi realizada em São João del-Rei/MG, no dia 29 de outubro de 2021, por discentes do PIPAUS da UFSJ. Idealizado com o objetivo de sensibilizar, chocar e chamar a atenção da população para a quantidade de lixo produzida, o ParangoLixo foi realizado em locais públicos, com a utilização de uma roupa de confecção própria para armazenar de forma visível todo o lixo coletado pelo chão da cidade. A produção de lixo tem alcançado índices alarmantes. O plástico, por exemplo, é um dos materiais descartados que mais agride a vida na terra e nos oceanos. Em 2020, segundo dados da Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública, o volume de plástico descartado no país aumentou 15% a mais que no ano anterior. O relatório “Um oceano livre de plástico – desafios para reduzir a poluição marinha no Brasil”, apontou que 500 bilhões de itens de plástico de uso único são consumidos anualmente. A cada ano, oito milhões de toneladas de plástico vão parar nas águas dos oceanos, sendo esse material o responsável por 100 mil mortes por ano de animais marinhos, conforme afirma o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Durante a caminhada, e à medida que o lixo estava sendo recolhido, pôde-se notar que grande parte do lixo descartado nas ruas eram materiais plásticos.

Mesmo com dados e pesquisas que apontam o quanto o plástico é nocivo, a produção capitalista desenfreada ocorre como se estivesse em total desconhecimento dos danos ambientais. De certo, se apenas recolhêssemos o lixo ao longo do curto caminho não gerariamos impacto algum no público que presenciara.

Ao contrário disso, durante a performance, à medida que o artista, vestindo o ParangoLixo, pegava e descartava os materiais não biodegradáveis, o espectador passou a ser o protagonista, não apenas observando, mas participando do ato silencioso de protesto e alerta. O ParangoLixo tornou-se, então, um ato de “fé no poder inefável da arte” (RESTANY, 1999, p.15). ■

João Pedro Zuccolotto; Laísa Macêdo Brandão; Mark Tom Sawyer; Monica Pereira Lourenço; Taciana Alexandra Da Silva; Taisa Maria Laviani.

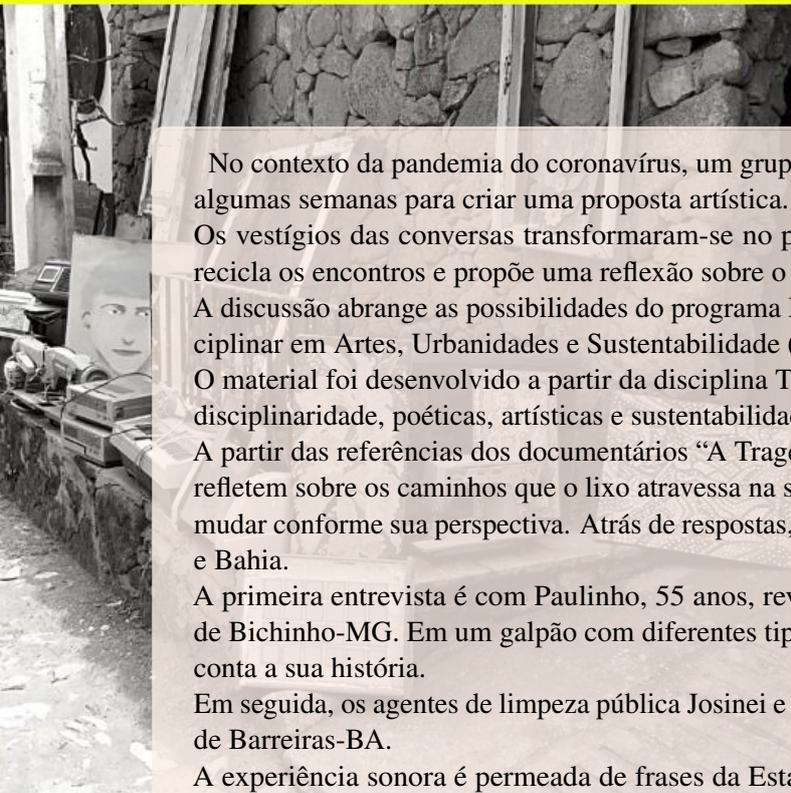
PODCAST

CAPITALIXO: O LIXO E SUAS TEXTURAS NARRATIVAS

TCAI- PIPAUS/ UFSJ Docente:

Luciana Chagas

66. Capitalixo: O lixo e suas texturas e narrativas



No contexto da pandemia do coronavírus, um grupo de estudantes se reuniu virtualmente durante algumas semanas para criar uma proposta artística.

Os vestígios das conversas transformaram-se no produto final: um podcast de 16 minutos que recicla os encontros e propõe uma reflexão sobre o lixo e o descarte.

A discussão abrange as possibilidades do programa Interdepartamental de Pós - graduação interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS).

O material foi desenvolvido a partir da disciplina Teoria e Crítica da ação interdisciplinar: Transdisciplinaridade, poéticas, artísticas e sustentabilidade (TCAI) da docente Luciana Beatriz Chagas.

A partir das referências dos documentários “A Tragédia Eletrônica” e “Estamira”, os participantes refletem sobre os caminhos que o lixo atravessa na sociedade e sobre como os reais valores podem mudar conforme sua perspectiva. Atrás de respostas, o podcast percorre dois estados: Minas Gerais e Bahia.

A primeira entrevista é com Paulinho, 55 anos, revendedor de materiais descartados no distrito de Bichinho-MG. Em um galpão com diferentes tipos de peças reutilizadas e bugigangas, ele nos conta a sua história.

Em seguida, os agentes de limpeza pública Josinei e Uanderson relatam a sua experiência na cidade de Barreiras-BA.

A experiência sonora é permeada de frases da Estamira, senhora que viveu grande parte da sua vida no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho.

Por fim, a Lucivânia Pereira performa uma música de sua autoria “Capitalismo Cruel”. ■

AUTORES
ANDRÉ LOPES
ALINE NELI
BRUNO PIRES
LUCIVÂNIA PEREIRA
PALOMA RESENDE
THAÍS MARIA SANTOS



André Lopes; Aline Neli; Bruno Pires; Lucivânia Pereira; Paloma Resende; Thaís Santos.



67. Eterno Desastre - Etérea Desarte

A obra Eterno Desastre - Etérea Desarte consiste em apresentar através de um documentário experimental conceitos que abrangem a terra como um sistema conectado, vivo e dinâmico. Cada ação interfere de forma direta no equilíbrio e na finitude de nossa existência. É preciso pensar, aprender a sentir e se conectar com a matriz Gaia. Somente assim, podemos pensar em uma existência consciente e que se funda com os reais conceitos da sustentabilidade. Sendo assim, foram usados pequenos trechos de entrevistas com indivíduos de nossa sociedade (médiuns, raizeiras, mestres de capoeira) reiteram questões já levantadas em nossas discussões durante o período letivo: a ancestralidade e os saberes individuais quando compartilhados podem nos resguardar e garantir um futuro em que a vida prospere.

@rafaellaanielly, @dasruas96

André Luiz; Camila Ruas; Hugo Nogueira; Irinea Lacerda; Luciana Monte-Mor; Rafaella Anielly.



SONORIDADES

68. SONORIDADES

A música é uma das mais diversas formas de linguagens das artes. Segundo Carrasqueiras (2018) o ensino da música deve contemplar formas mais profundas da formação do educando como a criatividade, o domínio da linguagem musical e a sintonia com a sua herança cultural.

A utilização de materiais recicláveis e a construção dos próprios instrumentos pode proporcionar ao sujeito novas possibilidades de aprendizagem criativa além de unir o ensino das artes com diálogos interdisciplinares sobre sustentabilidade e música.

Da mesma forma, Paulo Freire propõe que ensinar demanda uma reflexão crítica sobre a prática. Nas palavras de Freire (1996), a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

Associando a prática docente, a vivência e a importância de discutir saberes e fazeres na educação pode-se ampliar o movimento dialético e dinâmico de novas práticas pedagógicas interdisciplinares. Ao pensarmos que nosso planeta não teve uma data de nascimento e sim que tudo é um processo contínuo, percebemos o quanto todo gesto, por mínimo que seja, afeta a vida planetária.

O capitalismo tem como base o consumo para além do necessário para a sobrevivência, o que gera um excesso de acúmulo e de descartes.

A natureza, muitas vezes recebe esse excedente em forma de lixo. Retirar alguns itens do “lixo na natureza” e transformá-los em instrumentos musicais é um processo micropolítico, mas que engrandece a alma, e nos inspira a pensar que é possível evitar o fim do mundo. ■

Bruna Ramos; Lidiane Villanacci; Lizandra Romano; J. Augusto de Paula; Suzileide De Melo.

A		
Aline Cristine Carvalho	13	
Aline Figueiredo	74	
Aline Mara Figueiredo	68	
Aline Neli	31, 77	
Alvaro Carvalho	23	
Amon Lasmar	4	
Ana Marina	63	
Ana Paula Tostes	17	
Anakelly Silva Santos	25	
André Lopes	77	
André Luiz	78	
Andréa Coutinho	40	
ARTEtutura e HUMANismo	14	
Augusto de Paula	64, 79	
B		
Bárbara Quintino	70	
Bruna Carvalho	17	
Bruna Chaves Ramos	33, 79	
Bruna Mascarenhas	18	
Bruno Amarante	56	
Bruno Pires	62, 77	
Bruno Schuch	65	
C		
Camila Nolasco dos Passos	69	
Camila Ruas de Paula	33, 52, 78	
Carlos Eduardo Dias Lopes	33	
Carlos Eduardo Oliveira de Souza	67	
Cleisson José Dias da Silva	5, 75	
Coletivo Renda-se	49	
coletivo-república-imaginária	53	
D		
Débora Ester Leandro	75	
Dayana Vieira de Rezende	66	
Deborah Castro	22	
Delton Mendes Francelino	17, 35	
E		
Elivelton Ferreira Tomás	21	
Elizabete Pazeto	68	
Erizete Giarola	74	
F		
Fábio da Costa Valério	10	
Fernanda Nascimento Corghi	21, 70	
Fios de Memória	48	
Flávia Fábio	6	
Flávio Luiz Schiavoni	67	
Flávio Silvério	36, 47	
Flavia Freitas	71	
Fred Le Blue	30	
G		
Gabriela Moreira	74	
Gabriela Souza dos Santos	70	
Gustavo Oliveira dos Santos	8	
Gyan Celah	16	
H		
Helena Mongim	11	
Hugo Leonardo Cruz Nogueira	33, 78	
I		
Irinea Lacerda	78	
Isma Costa	33	
J		
Jônatas Araújo da Silva	67	
Jacqueline Bittencourt	75	
João Pedro Zuccolotto	39, 76	
João V. Bessa	29	
Juliana Carvalho	74	
Juliana Tostes	17	
K		
Keithy Hellen	74	
L		
Laísa Macêdo Brandão	68, 76	
Lari	51	
Letícia Lara do Carmo	69	
Lia Brito de Lima	33	
Lidiane Villanacci	79	
Lizandra Regina Campisse Romano	68, 79	
Luciana Beatriz Chagas	45	
Luciana Monte-Mór	9, 78	
Lucivânia Pereira	77	
M		
Maria Anália	34	
Maria Cloenes	32	
Maria Cristina Alves Pereira	43	
Maria Eduarda Malvar Porto	17	
Maria Tereza Conceição de Souza Matheus	70	
Mariana Silva Pereira	69	
Mark Tom Sawyer	76	
Marlon Franco	28	
Matheus Nogueira	42	
Maurinéia Ferreira	59	
Maurinéia Nascimento	74	
Mike Tavares	17	
Monica Pereira Lourenço	76	

N

Nalu Carvalho 12
Natalia Roberta Chagas Nogueira 44

P

Paloma Resende 77
Paulo Henrique da Silva 21
Paulo Jarbas 41

R

Rabay 34
Rafael Alves Soares de Andrade 67
Rafaella Anielly Silva Borges 33, 46, 78
Raphael Morone 58
Rayane Lima Cezário 18
Rebeca Lima 15, 75

S

Silvia Reis 26
Solange Resende Vieira 68, 75
Suzileide Rodrigues de Mello 68, 79

T

Taciana Alexsandra da Silva 33, 76
Taisa Maria Laviani 76
Tatiane Bispo 32
Tereza Raquel Frazão 7, 75
Thaís Santos 77
Thais Andressa 61
Thales Campos 36
Thiago Morandi 34
Tonil Braz 24

V

Vânia Pereira 50

W

Wanessa Bittar 60
Wesley Furquim 27

Z

Zandra Coelho de Miranda 21, 57

